



# **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Thyanne Karoline Abreu e Silva

AGÊNCIAS CONTROLADORAS E SUA INFLUÊNCIA NA MEIA-IDADE

Palmas – TO

2017

Thayanne Karoline Abreu e Silva  
AGÊNCIAS CONTROLADORAS E SUA INFLUÊNCIA NA MEIA-IDADE

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) I do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Dr. Ana Beatriz Dupré Silva.

Palmas – TO

2017



Thayanne Karoline Abreu e Silva  
Agências controladoras e sua influência na meia-idade

Projeto de Pesquisa elaborado e apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) I do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. Dr<sup>a</sup>. Ana Beatriz Dupré Silva.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Ana Beatriz Dupré Silva

Orientador

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof<sup>a</sup> Me. Lauriane dos Santos Moreira

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof<sup>a</sup> Me. Rosangela Veloso de Freitas Morbeck

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2017

*Dedico este trabalho aos meus pais, nos quais me inspirei para a construção dessa pesquisa e aos indivíduos participantes, pelo desprendimento e disposição em me ajudar no entendimento dessa temática.*

## AGRADECIMENTOS

“Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo, pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei; eu o segurarei com a minha mão direita vitoriosa. (Isaías 41:10) Sou grata a Deus por esses cinco anos de muita luta, percorridos com o amparo e proteção dEle, por todas as vezes em que me senti consolada e animada a prosseguir, quando me via sem forças. Certamente, Deus segurou minha mão nessa trajetória e sua palavra foi cumprida.

À orientadora mais maravilhosa que eu poderia ter, prof<sup>a</sup> Dra. Ana Beatriz Dupré Silva, que me auxiliou nessa caminhada de pesquisa, compartilhando seus valiosíssimos conhecimentos em metodologia científica com paciência e prestatividade. Muito obrigada por topar orientar-me em um tema tão contramão à Análise do Comportamento, mas que, com desprendimento e boa vontade, acabou dando certo! Obrigada também, por além do TCC, engajar-me na coordenação de grupos de orientação profissional, mostrando-me que os desafios existem para nos moldar e nos fazer avançar. Sou muito feliz de tê-la como minha professora na graduação e principalmente por assumir o papel de orientadora nessa reta final. Sou grata a você e te admiro muito. Você é show!

Agradeço imensamente aos participantes desta pesquisa, sem os quais este trabalho jamais teria se concretizado.

Aos meus pais, agradeço infinitamente toda a confiança, apoio e incentivo que sempre depositaram em mim. Por sempre investirem em mim, fazendo-me sentir alguém potente e capaz na realização dos planos que construí, motivando-me a correr atrás dos meus objetivos. Obrigada por todo amor que sempre recebi e a certeza de encontra-lo em vocês dois. Amo vocês!

Ao Bâdi (Thiago)! Aquele por quem tenho grande admiração e amor, agradeço pelo cuidado que toda vida teve comigo, por sempre estar na torcida por mim, por me ouvir quando precisei, por contribuir cada dia para que eu crescesse e amadurecesse, por meio de trocas valiosíssimas entre a psicologia e filosofia que, por diversas vezes, nos rendeu boas conversas até 5h da manhã. Muito obrigada por compartilhar comigo em todos os nossos encontros, um pouco do seu conhecimento. A cada diálogo, você contribuiu para que parte de mim como futura psicóloga ou mesmo como pessoa se tornasse melhor. Saiba que antes de ser, você já era professor, o meu, pois aprendo muito com você. Com toda a certeza existe muito de você em mim. Te amo!

Às minhas tias Alessandra Abreu e Rosa Maria Maciel, por me acolherem em suas casas nesses cinco anos de faculdade. Serei eternamente grata a vocês pelo que fizeram por mim. Tia

Alê, muito obrigada por me receber em seu lar durante os três primeiros anos e meio de curso, momento este, de tamanha adaptação. Por sempre me entender e fazer de tudo para me ajudar ou não me deixar sentir só, mesmo estando distante de casa, por torcer e vibrar por mim a cada pequena conquista e aprendizado ao longo do curso. Por acreditar nessa profissão e demonstrar sempre sua confiança em mim como futura profissional. Por ter ocupado, além de tia, o lugar de mãe, irmã mais velha e amiga. Você foi essencial nessa história, te amo! Tia Rosa, meu muito obrigada também por me permitir morada em sua casa nesses últimos e decisivos anos de faculdade que são tão corridos e cheios de responsabilidade. Obrigada pela sensibilidade e acolhimento a mim ofertados e por compreender esse momento, meu coração é cheio de gratidão!

Ao meu parceiro, melhor amigo e melhor companhia para a caminhada da vida, meu namorado Wesley. Eu simplesmente não tenho palavras para descrever você, o que você é e representa para mim. Esse trabalho é fruto do seu esforço também, em me animar, incentivar e em ocupar sempre a parte boa desse contraste que tem sido minha vida nesses últimos anos, que você bem conhece e acompanhou de perto. Muito obrigada por compreender minhas ausências, minhas ocupações, meus estresses e angústias nesse momento final. Obrigada por segurar minha mão e acreditar em mim, por sonhar os meus sonhos e apostar todas as suas fichas no meu potencial, obrigada por me provar que o amor é fazer do outro o melhor que se pode ser. Te amo muito!

Às minhas amigas que me acompanham desde o início curso, Adylla, Amanda, Lorena, Marina, e Vitória. Obrigada por somarem tanto na minha vida. Vocês são o melhor presente que a faculdade me deu. Sou grata pelos trabalhos em grupo que sempre deram certo, por sempre toparem minhas ideias malucas e por crescermos nesses 5 anos juntas. Sem dúvidas, essa caminhada que construo na psicologia tem um pouquinho de cada uma de vocês. Obrigada pelas trocas, pelos momentos de acolhimento e consolo, por saber que em vocês encontro colo em meio a tanta correria que passamos. Amo muito esse bonde!

Sou grata também às demais amigas que fiz ao longo do curso, Tátylla, Ane Dímina, Ana Gabriela e Ana Caroline (já formada) que alegam minha rotina a cada encontro, abraço e sorriso. Às meninas do estágio da Justiça Federal, Fernanda, Valdileide e Olivia, no qual construímos uma amizade e servimo-nos de suporte umas às outras sempre que o TCC ou as ênfases nos deixou aflitas. Aos colegas do SEPSI pelo carinho e à querida Mayelle, que por vezes, me salvou e acalmou meu coração aflito dessa pesquisa, ocupando um lugar de co-orientadora. Muito obrigado May, você é muito sensível e acolhedora, te admiro muito! E obrigada a todas as pessoas que me ouviram, inúmeras vezes, falar desse estudo e do meu

interesse em investigar o tema da meia-idade. Obrigada a todos que de alguma forma contribuíram para melhorar o meu olhar sobre essa pesquisa. A nossa interação nos melhora e nos faz um bem recíproco!

Agradeço à minha banca, na pessoa da Lauriane Moreira. Sempre a admirei e fui fã desde os primeiros períodos. Serei eternamente grata pela contribuição tamanha que deu à minha pesquisa, de forma tão sensível e empática nesse momento da graduação. Obrigada pelos reforços positivos que me impulsionaram a finalizar este estudo com muita satisfação. Ouvi cada consideração com muita abertura e respeito, pois sabia que me seriam valiosas e de fato, me acrescentaram inúmeras. Você foi indispensável para a lapidação dessa pesquisa. Gratidão!

E por fim, de modo nenhum menos importante, à minha psicóloga Cintia Xavier, por me servir de escuta não punitiva, me auxiliando na lida do final do curso, quando muitas vezes me encontrava apreensiva e sem direção. Obrigada pela sua postura perante a mim, por me auxiliar nos impasses da vida pessoal e acadêmica. Você foi essencial nesse momento tão delicado, que só me fez reforçar o quanto é importante que estejamos em análise, pois cuidar da saúde mental é fundamental para que possamos produzir saúde para outras pessoas e para que realizemos um bom trabalho aonde quer que formos. Certamente, você contribuiu para o desenvolvimento de uma futura profissional. Mil vezes obrigada!

“(...) minha dor é perceber  
que apesar de termos feito tudo, tudo o que fizemos  
Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais(...)”.

(Elis Regina)

## RESUMO

ABREU, Thyanne Karoline. **AGÊNCIAS CONTROLADORAS E SUA INFLUÊNCIA NA MEIA-IDADE**. 2017. 82 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2017.

Compreende-se que a fase da meia-idade é um momento da vida de muitas reflexões, pois o indivíduo depara-se com o fim da vida adulta e o início da velhice. São conteúdos para uma autoavaliação as diversas áreas da vida do indivíduo: pessoal, familiar, afetiva, sexual, profissional, social e financeira. Mudanças das mais diversas ocorrem, a começar pela parte biológica, quando começa o declínio físico, por exemplo. Como consequência disso, valores e princípios são reavaliados, tendo em vista o pouco tempo de vida que se tem, se comparado ao que já foi vivido, para realizar objetivos ou correr atrás do que não foi resolvido. O presente trabalho traz consigo a complexidade do termo meia-idade, uma vez que autores estudiosos sobre o tema, divergem no entendimento acerca das classificações etárias. Para esta pesquisa, será utilizado a definição da Organização Mundial da Saúde (2005), que estabelece como meia-idade, adultos intermediários, dentro da faixa-etária de 45 a 59 anos, podendo variar de acordo com a cultura e estimativa de vida de cada região. O objetivo geral deste estudo é verificar nas Agências Controladoras trazidas por Skinner (1998) (religião, governo, economia, educação e psicoterapia) uma possível relação com o período da meia-idade. O referido estudo propôs-se a fazer tal verificação, por meio de um roteiro de entrevista semiestruturado, contendo assuntos relacionados às agências de controle, tomando como base norteadora a Análise Funcional do Comportamento e Análise Comportamental do Discurso. A pesquisa trouxe em seus resultados indicadores para a compreensão da relação existente entre as agências controladoras e o sofrimento acarretado pelas exigências desse momento da vida que é o da meia-idade.

Palavras-chave: Agências Controladoras; Análise do Comportamento, Meia-idade.

## **ABSTRACT**

ABREU, Thayanne Karoline. **CONTROLLING AGENCIES AND ITS INFLUENCE IN THE MIDDLE AGE**. 2017. 82 p. Final Paper (Undergraduate) - Psychology, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas / TO, 2017.

It is comprehended that the middle age is a moment of many reflections in human life, because people face the end of adult life and start to live the beginning of old age. There are some areas in the individual's life that may help in a self-assessment, for example, personal, family, affective, sexual, professional, social and economic. A lot of changes take places, starting with the biological area, when the physical conditions get declined. As a result, values and principles are reassessed to accomplish goals or to solve what has not been solved because of the short time that people in this age have left comparing the time they have already been lived. The complexity of the middle age term is in this paper, the authors that study about this field have different opinions about the age range. For this research, the World Health Organization (WHO)'s definition will be used to define the age range of the middle age. According to WHO (2015) people that are between 45 and 59 are in the middle age. It may vary under certain circumstances such as culture and life expectancy in different places. The general propose in this paper is to verify in the Controlling Agencies (religion, government, economic, education and psychotherapy) introduced by Skinner (1998) a possible relation with the middle age period. Therefore, a semi-structured interview guide was used in this study to do the verification, including control agencies related subjects, based on the Functional Analysis of Behavior and Behavioral Analysis of Discourse. The research has as a result indicators for the understanding of the relation between the controlling agencies and the suffering caused by middle age requirements.

**Keywords:** Controlling agencies; Analysis of Behavior; Middle age.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Tabela da relação entre os discursos e as agências controladoras .....	77
--	----

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1:Análise por contingência da participante Shirley.....	58
Quadro 2:Análise por contingência da participante Jeannie.....	59
Quadro 3:Análise por contingência do George .....	60
Quadro 4:Análise por contingência do Claude.....	61

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fluxograma 1.....	41
-------------------	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AC	Análise do Discurso
ACD	Análise Comportamental do Discurso
AFC	Análise Funcional do Comportamento
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CNS	Conselho Nacional de Saúde
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
CEP	Comitê De Ética em Pesquisa
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde
IFTO	Instituição Federal do Tocantins
OMS	Organização Mundial da Saúde
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>20</b>
<b>2.1 Behaviorismo e a seleção por consequências.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 Comportamento verbal.....</b>	<b>23</b>
<b>2.3 As regras, Autocontrole e o comportamento de responsabilizar-se.....</b>	<b>24</b>
<b>2.4 Agências Controladoras .....</b>	<b>26</b>
2.4.1 <i>Agência governamental e política.....</i>	27
2.4.2 <i>Agência Religiosa.....</i>	28
2.4.3 <i>Agência Econômica .....</i>	30
2.4.4 <i>Agência Educacional .....</i>	31
2.4.5 <i>Psicoterapia como Agência Controladora.....</i>	32
2.4.5.1 <i>Subprodutos de controle.....</i>	33
<b>2.5 Análise Funcional do Comportamento (AFC).....</b>	<b>33</b>
<b>2.6 Análise do Discurso (AD).....</b>	<b>35</b>
<b>2.7 Concepções sobre a Meia-idade e a “crise na meia idade”.....</b>	<b>38</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>38</b>
3.1 <b>DESENHO DO ESTUDO (TIPO DE ESTUDO).....</b>	<b>38</b>
3.2 <b>Local e Período de Realização da Pesquisa.....</b>	<b>38</b>
3.3 <b>Objeto de Estudo ou População e Amostra.....</b>	<b>38</b>
3.4 <b>PARTICIPANTES.....</b>	<b>38</b>
3.5 <b>Critérios de Inclusão e Exclusão.....</b>	<b>36</b>
3.6 <b>VARIÁVEIS.....</b>	<b>39</b>
3.7 <b>MATERIAIS E INSTRUMENTOS.....</b>	<b>39</b>
3.7.1 <b>Roteiro de Entrevista.....</b>	<b>39</b>
3.7.2 <b>Estratégias de Aplicação.....</b>	<b>40</b>
3.7.3 <b>Procedimentos.....</b>	<b>40</b>
3.8 <b>ASPECTOS ÉTICOS.....</b>	<b>41</b>
<b>3.8.1 Riscos.....</b>	<b>42</b>
<b>3.8.2 Benefícios.....</b>	<b>42</b>
<b>4 RESULTADOS .....</b>	<b>43</b>
4.1 <i>Apresentação dos participantes.....</i>	43

4.1.2 Participante Shirley.....	43
4.1.3 Participante Jeannie.....	43
4.1.4 Participante George.....	44
4.1.5 Participante Claude.....	44
<b>5 ANÁLISES E DISCUSSÕES.....</b>	<b>45</b>
5.1 <i>Discussão das Agências Controladoras por participante.....</i>	45
<b>5.1.2 Participante Shirley.....</b>	<b>45</b>
<b>5.1.3 Participante Jeannie.....</b>	<b>49</b>
<b>5.1.4 Participante George.....</b>	<b>53</b>
<b>5.1.5 Participante Claude.....</b>	<b>55</b>
5.2 <i>Análise Funcional do Comportamento (Análise por contingência).....</i>	58
<b>5.3 Agência psicoterapia na meia idade para os participantes.....</b>	<b>64</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>66</b>
<b>7 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>68</b>
<b>8 APÊNDICES .....</b>	<b>71</b>
<b>8.1 APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO–TCLE.....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE C - Tabela da relação entre discursos e Agências Controladoras.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE D - DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE.....</b>	<b>80</b>

## INTRODUÇÃO

Para Skinner (2007), o comportamento humano é o produto simultâneo de três níveis de determinação: a filogênese (que seleciona certas características anátomo-fisiológicas, certas respostas - reflexos incondicionados - a sensibilidade às consequências da ação e a sensibilidade diferenciada a certos eventos ambientais); a ontogênese (na qual a imitação, modelação e modelagem produzem repertórios novos e adaptativos ao ambiente atual do indivíduo) e a cultura (que possibilita, por meio da linguagem, a aquisição de comportamentos novos, sem necessidade de exposição às contingências, que originalmente produziram aquele comportamento). Todos os níveis apresentados possibilitam modificações e alterações na vida das pessoas.

A sociedade, por sua vez, como resultado desse conjunto de indivíduos que são afetados por esses níveis de seleção, sofre mudanças ao longo do tempo e com elas alteram-se as regras que as configuram. Tais regras são erguidas conforme costumes e valores culturais de cada época, isto é, por meio de dispositivos de controle, que se traduzem em instituições existentes na sociedade, possuindo sob seu domínio o modo de ser e viver dos grupos, o que conseqüentemente, influi sobre o modo de vida de cada sujeito. A estas instituições, Skinner (1998) denominou Agências Controladoras, que são compostas pela religião, governo, economia, psicoterapia e educação.

Dessa forma, as agências de controle podem ter um papel fundamental na construção de repertórios históricos que identificam o indivíduo, uma vez que moldam comportamentos por meio de discursos disciplinantes. Assim, é importante salientar o papel essencial dos níveis de seleção por consequência na organização das agências de controle, pois estas só foram possíveis dada a eficácia dos níveis de seleção por consequência observados por Skinner (2007), visto que, por meio da modificação e variabilidade genética, habilidade de experienciar o mundo e aprender com ele, é que a espécie humana se perpetuou. De todo modo, as observações de Skinner engendram modos organizados de ser e agir em grupo, que possibilitaram a sobrevivência e o desenvolvimento dessa espécie, estando presentes desde o início do ciclo vital.

Dentro do ciclo vital, está o período da meia-idade, que é compreendido como uma fase de transição entre o fim da vida adulta e o início da velhice (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2013). A classificação da faixa etária desta fase é bastante divergente entre os estudiosos, sendo que, em geral, as opiniões circulam entre 35 e 65 anos. Sendo assim, por tratar-se de instituições que balizam e organizam os estudos no campo da Saúde, buscou-se referências junto à

Organização Mundial da Saúde (OMS) e aos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) para respaldar a faixa etária utilizada nesse estudo. Nos DeCS (2013), apresentam-se definições baseadas em determinantes cronológicos, em que o descritor “adulto” é definido como “uma pessoa que atingiu crescimento total ou maturidade. Adultos vão de 19 até 44 anos de idade” e “meia-idade”, como idade entre “45-64”. Contudo, a classificação etária proposta pela OMS (2005) considera que estão na meia-idade pessoas entre 45 a 59 anos, sendo essa a faixa etária que foi utilizada para entrevistar os participantes dessa pesquisa, por ser a OMS uma instituição reconhecida mundialmente.

A meia-idade segundo Lachman e James (1997) é o momento da vida em que o indivíduo olha, tanto para frente como para trás, refletindo sobre os anos já vividos e os anos que virão. Essa pode ser uma época para fazer um balanço e reavaliar objetivos e aspirações, o quanto elas foram realizadas e decidir como melhor utilizar a parte restante do ciclo de vida.

A forma como o indivíduo leva essa parte restante do ciclo da vida da qual Lachman e James (1997) falam pode, ou não, vir a propiciar à comumente chamada “crise na meia-idade”.

Segundo Scardua (2011), o termo “crise na meia-idade”, foi estabelecido em 1965 pelo psicanalista Elliot Jaques, o qual buscava descrever um intenso período de insegurança em que as pessoas que atravessam a segunda metade da vida adulta estavam vivendo em relação à chegada do envelhecimento.

No que tange ao processo de envelhecimento, dados da OMS (2005) apontam que, até 2025, o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. Tais dados mostram-se preocupantes à medida em que se compreende o aumento da população idosa como uma demanda para ocorrência de mudanças nos diversos segmentos que estruturam a sociedade como: educação, saúde, política, economia e outros. Tendo como base esse indicativo, cabe salientar a importância de se pensar na preparação para esse momento do envelhecimento, já que a meia-idade é o período que antecede a velhice. Dito isto, qual seria o impacto dessas agências de controle sobre o indivíduo nesse momento da vida?

Partindo dessa indagação, o trabalho atual objetiva, de forma geral, verificar uma possível relação entre regras oriundas das Agências Controladoras e a existência da crise no período da meia-idade e tem como objetivos específicos levantar contingências históricas e atuais da vida do indivíduo por meio de um roteiro de entrevista; identificar, analisar e descrever a partir do discurso de cada participante, o surgimento das regras estabelecidas pelas Agências Controladoras e as principais influências de cada uma que estejam atuando sobre a vida do sujeito neste momento da meia-idade.

Contudo, sabe-se que, em geral, apesar de ser um assunto pouco dialogado, as pesquisas

existentes a respeito da meia idade já alertam para uma tendência a um momento mais reflexivo da vida, de possível sofrimento psicológico e emocional em decorrência das grandes mudanças que ocorrem nesse período de transição no qual o indivíduo depara-se com a irreversibilidade do tempo. Desse modo, investigar aspectos ético-morais desse indivíduo, colhendo dados pertinentes ao tema, dispara discussões e reflexões que podem promover modos de viver mais satisfatórios nas diversas etapas do ciclo vital, principalmente nesse momento que anterior à velhice.

O estudo fomentará, portanto, espaço para que o assunto seja dialogado, de forma que as pessoas reflitam sobre a importância de serem feitas escolhas mais assertivas no decorrer da vida, compreendendo as condições e variáveis das quais o comportamento tem sido função, para que, como consequência dessas escolhas, obtenham um processo de envelhecimento mais satisfatório da vida que foi construída, o que somarão, como resultado futuro, dados mais otimistas a respeito da saúde mental nessa fase.

Por tudo isso, a pesquisa interessa ao campo acadêmico e científico, justamente por tratar de um tema pouco discutido e sem muitas publicações a respeito. Dessa forma, contribuir para o aumento da literatura científica que envolve essa temática, torna a pesquisa estimulante para quem a conduz também.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Behaviorismo e a seleção por consequências**

Em 1981, Burrhus Frederick Skinner, precursor do Behaviorismo Radical, propôs três níveis de seleção dos comportamentos: o primeiro filogenético, o segundo ontogenético, e o terceiro cultural. Referia-se à filogenia, a história de vida da espécie; à ontogenia, o nível responsável pela história de vida do indivíduo e a cultura pela formação de costumes e regras criadas pelos grupos que se perpetuavam ao longo do tempo. Nessa proposta, Skinner explicou que as características biológicas assim como as comportamentais são modeladas por processos seletivos, baseados no contato do indivíduo com o ambiente.

Para Skinner (2007), existe uma reserva genética da espécie, que possibilita uma variedade de comportamentos do indivíduo, a qual, posteriormente, é transmitida à sua prole. Essa reserva de variabilidades existentes no organismo é que permite, por meio do contato deste com o ambiente, as modificações da evolução filogenética nas espécies. Em resumo, o que Skinner (2007) buscava estabelecer é entendimento do comportamento humano como um resultado coletivo das contingências de sobrevivência responsáveis pela seleção natural e das contingências de reforço responsáveis pelos repertórios dos indivíduos, o que engloba as contingências mantidas por um ambiente social evoluído.

De acordo com Baum (2006), o princípio básico da filogênese é que em uma população de indivíduos na qual exista a variação de genótipo, os que alcançam maior sucesso são os que tendem a se tornar mais frequentes ou que se mantêm por mais tempo.

Matos et al (1988) trazem que as duas grandes condições da filogenia são sobrevivência e extinção por meio da variabilidade e seleção, que atuam na constituição da espécie e que dão base para a compreensão da alteração filogenética entre as espécies a qual classifica como um processo de evolução. Este processo, por sua vez, depende do mecanismo de mutação e transmissão genética. Sendo assim, a reprodução para os autores é uma primeira consequência que levou, através da seleção natural, à evolução de células, órgãos e organismos que se reproduzem a si próprios sob as mais diversas condições.

Sobre o segundo nível de seleção de comportamento, Matos et.al (1988, p. 138) consideram que, em termos comportamentais, os indivíduos podem ou não ser sensíveis a diferentes tipos ou níveis de estímulo, reagirem ou não a essa estimulação, apresentarem formas típicas de ser e de viver de um modo ao mesmo tempo que possam dificilmente vir a apresentar outros. Assim, “na evolução ontogenética a modificação ocorre no repertório comportamental

dos indivíduos e também é transmitida, através da aprendizagem, à sua prole” Matos, et al (1988, p. 138).

A respeito disso, Baum (2006) caracteriza os comportamentos em bem-sucedidos e malsucedidos, sendo que estes são definidos por seus efeitos. São comportamentos bem-sucedidos aqueles que produzem bons efeitos e são malsucedidos, aqueles que produzem não tão bons efeitos ou efeitos ruins. Para ele, sucesso e fracasso, em termos de aprendizagem operante, estão relacionados a reforço e punição. Sendo assim, uma ação bem-sucedida assim o é porque foi reforçada. Já uma ação malsucedida não foi suficientemente reforçada ou recebeu punição.

Ainda segundo Baum (2006), um princípio intrínseco à aprendizagem operante é o da lei do efeito, o qual estabelece que quanto mais uma atividade ou ação recebe estímulo reforçador, maior probabilidade tem de voltar a ocorrer. O oposto ocorre quando essa atividade ou ação recebe punição, pois menor probabilidade terá de voltar a ocorrer. Baum (2006) considera que os resultados da lei do efeito podem ser entendidos como modelagem, pois permitem o aumento e a diminuição dos comportamentos de acordo com o efeito da ação. Em se tratando da cultura, terceiro nível de seleção do comportamento proposto por Skinner, Matos et al afirmam:

Na evolução cultural a modificação ocorre naqueles dois níveis, porém, via planejamento do grupo. O grupo adota e implementa comportamentos exibidos por determinados indivíduos, e dissemina esses comportamentos entre outros indivíduos, através de determinadas práticas culturais, garantindo assim a sobrevivência do próprio grupo (Matos, et al 1988, p. 138).

Baum (2006) afirma que, para a existência de culturas, primeiramente é necessário que haja sociedades, pois considera que cultura é posse de uma sociedade, ou ainda, é o comportamento aprendido de um grupo. Dessa forma, afirma que como, resultado de pertencer a um grupo, a aprendizagem operante acontece quando o comportamento do grupo programa consequências para seus membros. Ou seja, as ações de cada indivíduo que coabita uma sociedade, são valoradas como positivas ou negativas, o que torna essas atribuições de valores uma forma de consequência e essa consequência é o que possibilita ao indivíduo a aprendizagem.

Dentro do contexto de pertencer a um grupo e sofrer consequências das ações anteriormente valoradas, estão os comportamentos por imitação, os quais Baum (2006) entende como essenciais para a construção de uma cultura. Para ele, “a cultura provavelmente seria impossível sem a imitação” (Baum, 2006, p. 265). Isso porque a imitação, segundo o autor, serve de base para a aprendizagem operante, já que após uma ação induzida por imitação, o

indivíduo pode ter sua ação reforçada até que encontre modos mais adaptados e evoluídos de realizar aquela ação. Um exemplo de tal entendimento seria uma criança, que após ter observado seus pais falarem, foi reforçada pela pronúncia similar da palavra “água”, ainda que tenha feito de forma incompleta ou errada, mas que ao ser reforçada e corrigida algumas vezes, como forma de modelagem, tenha conseguido pronunciar a palavra de forma correta (BAUM, 2006).

Baum (2006) considera que uma regra social é ensinada e posteriormente confirmada no grupo social por meio de reforçamento ou punição. Tais regras evidenciam as relações que o autor chama de *convenções*, visto que são comportamentos reproduzidos a fim de alcançarem uma confirmação social, ou seja, o reforço. Além disso, para o autor, a cultura só foi possível por meio do comportamento verbal, pois por meio da observação de ações bem-sucedidas, como forma de descrição das contingências, é que o indivíduo pode fazer interação com outros indivíduos do seu ambiente.

Baum (2006) trata da imitação como um meio de transmissão seletiva que corrobora para a construção de uma cultura, pois, do mesmo modo que o ser humano evoluiu enquanto espécie por meio da seleção por consequências no nível filogenético, percebe-se, que a nível ontogenético e cultural, as espécies têm se perpetuado à medida que o indivíduo opera sobre o meio em que vive, relaciona-se com os demais membros de seu grupo e obtém consequências dessas interações e relações, o que faz os comportamentos, ações e práticas manterem-se e transpassarem gerações ou simplesmente se extinguirem. Tais consequências, como já mencionado, quer sejam boas ou ruins em seus efeitos, produzem modos organizados de ser e de agir socialmente e isso ocorre, segundo Baum (2006), porque, na imitação por seleção, as pessoas não apenas imitam qualquer comportamento, mas, sim, aqueles que observam repetir-se com maior frequência ou que tenham sido bem-sucedidos em seus resultados:

As pessoas frequentemente seguem ordens ou conselhos, por exemplo, mas não apenas qualquer ordem ou conselho. Da mesma maneira que provavelmente imitamos mais as práticas que ocorrem frequentemente no conjunto de práticas culturais, assim provavelmente seguiremos mais regras que frequentemente ocorrem nesse conjunto. (Baum, 2006, p.278).

Em outras palavras, Baum (2006) traz que, em consonância com a imitação do comportamento bem-sucedido, está a tendência à imitação por regras dadas por pessoas que manifestaram a execução dessas de forma bem-sucedida, o que explica, mediante essa lógica, porque uma prática incomum pode se difundir rapidamente em um conjunto de práticas culturais.

Skinner (1998, p. 455) relaciona cultura ao ambiente social, onde a mesma se traduz

como sendo um “espírito ou atmosfera ou algo com dimensões igualmente não-físicas”. Essa cultura, da qual trata como sendo um ambiente social, compõe-se de todas as variáveis que afetam o indivíduo que nela nasce, à medida que este resulta dos procedimentos dos grupos nela existentes, os quais criam regras para comportamentos éticos e morais com valores e costumes que norteiam o convívio e práticas sociais. Skinner tratou o grupo como um ambiente propício para probabilidade de ocorrência de certos comportamentos, pois, segundo ele, “os membros do grupo imitam-se uns aos outros e servem como modelos, reforçam conformidades e punem desvios” (1991, p. 61), e, dessa forma, classificou a cultura como uma das agências que exercem controle sobre o agir do indivíduo, uma vez que, segundo ele, “[...] em algum ponto da história do grupo, porém, comportar-se de forma parecida com os outros apareceu sob o formato de uma regra” (Skinner, 1991, p. 61).

Skinner (1988) apresenta a cultura como sendo a realização de todas as agências e de várias subagências com as quais é possível que o indivíduo entre em contato íntimo. Um exemplo acerca disso é a família do indivíduo, que pode exercer controle sobre ele por meio de uma extensão das técnicas religiosas, governamentais ou política. Ou seja, uma cultura é então, no modo mais amplo, de complexidade enorme e extraordinariamente poderosa.

## **2.2 Comportamento verbal**

Segundo Skinner (1991) o comportamento verbal é um tipo de comportamento operante que exige a presença de outra pessoa para ser reforçado, sendo que este o autor chama de ouvinte. Segundo o autor, falantes não são iniciadores, pois a fala nunca vem primeiro. Isso não ocorre na evolução do ambiente verbal, tampouco no condicionamento de ouvintes e falantes. O que antecede é o ouvinte. Para que exista um falante, é necessário que, antes, exista alguém no papel de ouvinte para reforçar o comportamento de falante, justamente porque as regras surgem do verbal que nada mais é que o resumo ou descrição das contingências.

Skinner diferencia falante de ouvinte, comunicação de comportamento verbal e vocal, e descreve os tipos de operantes verbais. Assim, “(...) se os ouvintes são responsáveis pelo comportamento dos falantes, precisamos atentar mais de perto para o que eles fazem.” (Skinner, 1991, p. 54).

Seguindo sua ideia, Passos (2003) aponta para a importância do papel do ouvinte no entendimento do operante verbal. Segundo a autora, é um erro acreditar que a linguagem surge do interior do sujeito, porém, é correto investigar os determinantes externos do comportamento a fim de entender quais contingências de reforçamento foram planejadas pela comunidade verbal que tenham produzido tal comportamento.

Para Baum, o comportamento verbal é um operante que está dentro de uma categoria ampla chamada comunicação, sendo este suscetível às contingências e, a partir dele, é que as diversas regras passam a existir, pois, para o autor “o falar tem consequências” (Baum, p.136, 2006).

Quando é dito que o comportamento é controlado pelo ambiente, o que se quer dizer é que o ambiente modela e mantém repertórios comportamentais, mas também serve como ocasião para que o comportamento venha a ocorrer. O verbal é entendido como uma probabilidade, justamente porque necessita do estímulo externo (ouvinte) para fortalecer, ou seja, reforçar a ação verbal e tornar o reforço contingente à resposta que ocorreu. (SKINNER, 1991).

Sendo assim, é necessário fazer-se uma distinção entre comportamento verbal e linguagem. A linguagem é uma espécie de comportamento, pois existe sem que alguém precise falar. Inclui o comportamento verbal e também o vocal, porém está mais ligada às formas de expressar-se, independente dessas duas categorias. Já um operante verbal, é uma probabilidade, pois depende do ambiente (ouvinte) para que venha ocorrer (BAUM, 2006).

O termo verbal é um termo genérico e aplica-se à linguagem em qualquer modalidade; será distinguido do termo vocal, que é específico para a linguagem falada. Poderíamos facilmente estender nossa explanação para outras modalidades (p. ex., a modalidade gestual da linguagem de sinais ou a modalidade tátil do Braille), mas restringiremos nossa atenção às classes vocais e escritas do comportamento verbal (CATÂNIA, 1999, p.253).

Catânia (1999) apontou que o comportamento verbal jamais teria evoluído se tivesse entrado em contato apenas com outro comportamento verbal. Em algum momento, deve haver interação com os eventos ambientais. Essa interação é chamada de Tato, sendo este uma resposta verbal ocasionada por um estímulo discriminativo. Um exemplo, é quando uma criança aprende a dizer a palavra “maçã” quando observa uma maçã, diz-se então que esta criança está tateando a fruta maçã. Isso porque o tato não envolve nenhum tipo de processo novo, diz somente respeito a um nome, ou definição para o controle do estímulo existente no comportamento verbal.

Dessa forma, entender que regras são um estímulo discriminativo verbal é importante para compreender que tal constatação indica uma relação de reforço, na qual a verbalização está sob o controle de estímulo para a ocorrência da resposta (BAUM, 2006).

### **2.3 As regras, o Autocontrole e o Comportamento de responsabilizar-se**

Para Skinner (1991), as regras auxiliam os membros de um grupo a comportarem-se de forma mais adequada e provável de serem aceitas, ao passo que contribuem também para que

o grupo aceite ou censure consistentemente determinadas ações. Para ele, descobre-se o significado ou finalidade de uma regra quando o comportamento especificado por tal regra é afetado pelas consequências. Isso porque as regras, conforme Skinner (1991), dizem ao grupo o que precisa ser feito, no sentido de apresentar qual é a obrigação do sujeito em relação ao grupo. Baum (2006) diferencia comportamento controlado por regras de comportamento modelado por contingências. O primeiro refere-se à emissão de uma resposta que obedeceu à descrição de uma regra previamente estabelecida e que, como consequência, reforça ou pune este comportamento. Já o comportamento modelado por contingências refere-se ao que é modelado por consequências relativamente imediatas e que não dependem de ouvir ou ler uma regra. Em suma, todo comportamento, inclusive o controlado por regras, é modelado por reforço e punição. Porém, o que difere entre esses dois tipos de comportamentos operantes aqui citados é que o comportamento controlado por regras depende do comportamento verbal de uma outra pessoa (o falante, por exemplo) a fim de descrever a regra, enquanto o comportamento modelado pelas contingências não depende necessariamente de uma outra pessoa, mas, sim, de uma interação com o reforço não social.

Baum (2006) continua seu entendimento sobre estes dois operantes denotando a complexidade em identificar a existência de um comportamento sem a interferência do outro, uma vez que muitos comportamentos do ser humano começam com instruções e, ao longo do tempo, passam a ser modelados por contingências (implicitamente) à medida que aproximam-se de sua forma final.

Atender ou não a um modelo ou a uma regra socialmente estabelecidos, por meio dos reforços ou punições, é algo que organiza os grupos sociais, conforme já trazido por Baum (2006). As regras possuem sua importância, ao passo que denotam a construção social de um grupo e a forma como este evolui filogeneticamente, ontogeneticamente e culturalmente, Baum (2006). Entretanto, não cumprir com as regras é não cumprir com a responsabilidade para com o grupo, o que também gera consequências. Dessa forma, o autor supracitado considera que as pessoas possuem dignidade na medida em que podem ser consideradas responsáveis. Para o autor, a responsabilidade está ligada à decisão de impor ou não impor consequências para seus atos.

Segundo Baum (2006), apesar de ser comum tratar de responsabilidade no campo de repreensão, a noção de responsabilidade também pode ser vinculada aos atos meritórios. Quando uma pessoa age de forma “responsável”, ela está se comportando de uma forma socialmente “útil”, o que significa estar de acordo com as relações de reforço a longo prazo. O uso do termo responsável, por sua vez, coincide com a ideia de autocontrole. O comportamento

responsável deve ser mantido. Dessa forma, falar sobre responsabilidade é discutir a utilidade ou o desejo de estabelecer consequências. Dizer, então, que se considera alguém responsável, é dizer que se deseja mudar seu comportamento punindo ou reforçando o seu comportamento.

As relações de reforço, portanto, que mantêm ou deveriam manter o comportamento de ser responsável são claras e deseja-se as diminuir ou aumentá-las. (Ibidem).

A respeito do autocontrole, Baum (2006) diz que consiste em fazer uma opção, já Skinner (1988) considera a possibilidade de o indivíduo controlar seu próprio comportamento. Para este, o sujeito utiliza do seu exercício de “autocontrole” quando “escolhe” os cursos de ações alternativas, decisões ou “pensar sobre” um problema e cuida da sua saúde ou posição social.

Segundo Skinner (1988), quando o indivíduo exerce seu autocontrole, está se comportando. Este controle é o mesmo que usaria para controlar o comportamento de qualquer outra pessoa por meio da manipulação de variáveis das quais o comportamento esteja em função. Porém, ao controlar-se, torna-se objeto próprio de análise que deverá ser explicado por variáveis que se situam fora do indivíduo. Frequentemente o indivíduo controla parte de seu comportamento quando uma resposta gera consequências não satisfatórias. As consequências positivas ou negativas geram duas respostas relacionadas de modo especial: uma resposta *controladora*, que afeta as variáveis de maneira a controlar a probabilidade da outra, a *controlada*.

## **2.4 Agências Controladoras**

Segundo Skinner (1998, p.363), o grupo exerce um “controle ético sobre cada um de seus membros através, principalmente, de seu poder de reforçar ou punir”. Esse controle, segundo Skinner (1998), decorre da força de mecanismos que manipulam variáveis particulares, que geralmente são mais bem organizadas que os próprios grupos e funcionam com maior eficácia. A esses mecanismos, Skinner (1998) chamou de agências de controle, pois, de alguma forma, operam na construção de regras que perpassam o cotidiano e que mantêm os comportamentos seguindo uma ordem. As agências designadas por Skinner são Governo, Religião, Psicoterapia, Economia e Educação.

### *2.4.1 Agência governamental e política*

É possível que uma das agências mais empenhadas no controle do comportamento humano seja o governo. Segundo Skinner (1998, p.365), o governo “é o uso do poder para punir” e, ainda que esta definição seja vista como cansativa, as agências governamentais

recorrem, com frequência, a outras fontes de controle. No Estado, para um governo organizado, a punição é uma tarefa atribuída a grupos específicos como polícia e militares, sendo que estes grupos podem ser controlados por meio de medidas econômicas ou podem agir por pressão religiosa. Dessa forma, se os meios econômicos controlam os policiais e militares, por exemplo, os grupos fornecem, por meio dos impostos, o investimento necessário para que isso ocorra.

Existem técnicas de controle que a referida agência adota para a efetivação de suas superposições. A respeito destas, Skinner (1998) explica que enquanto o grupo denomina, baseado nos comportamentos, o que é “certo” e “errado” com a finalidade de reforçamentos éticos, a agência governamental adota os termos “legal” e “ilegal”, sendo que os termos são definidos, em geral, pela fonte de poder que cada agência possui. Dessa forma, se um comportamento traz consequências aversivas para a agência, este é classificado como ilegal, porém à medida que o poder do governo surge do grupo, as definições passam a se aproximar dos termos “certo” e “errado” e por operar principalmente através do poder de punir, a ênfase da agência governamental é sobre o “errado”.

A finalidade do uso do poder do governo, segundo Skinner (1998, p.367), é o de “manter a paz”, pois restringem comportamentos que intimidam a propriedade e pessoas de outros membros do grupo:

Um governo que possui apenas o poder de punir, pode fortalecer o comportamento legal somente pela remoção de uma ameaça de punição a ele contingente. Algumas vezes isso é feito, mas a técnica mais comum é simplesmente punir as formas ilegais do comportamento. (Skinner, 1998, p.367)

Skinner (1998) salienta que algumas das punições governamentais apoiam-se na remoção de reforçadores positivos como, por exemplo, no confisco da propriedade de um indivíduo, no ato de multar por infração do trânsito, aumentos dos impostos, ou encarceramento, dentre outras formas de punição. Outras constituem-se na apresentação de reforçadores negativos, ou seja, apresentação de um estímulo aversivo que gere, como consequência, o aumento da probabilidade de respostas esperadas à medida que diminui as respostas indesejadas, como por exemplo, castigos físicos, trabalhos forçados, ameaças ou injúrias, exposição em público, entre outros.

Skinner (1998) considera que propiciar ambiente para que o indivíduo se comporte com obediência é uma técnica de controle aplicada com ênfase na punição, comumente utilizada pela agência governamental, ou ainda, um produto principal do controle governamental:

No sentido mais amplo, o indivíduo controlado é obediente aos mandamentos da agência e se comporta em conformidade com seus procedimentos controladores, mas há uma forma especial de obediência

na qual uma resposta particular é colocada sob o controle de um comando verbal. Como estímulo verbal, o comando teria uma dupla função. Especifica o comportamento a ser posto em prática e gera uma condição aversiva da qual apenas aquele comportamento poderá proporcionar uma fuga (Skinner, 1998, p. 368).

#### 2.4.2 Agência Religiosa

Seguida do governo, outra agência que exerce controle sobre o indivíduo, segundo Skinner (1998), é a religião. Um modelo inicial de controle religioso é iniciado quando contingências raras ou acidentais são utilizadas a fim de controlar o comportamento de outros. Um exemplo mais claro seria desaprovar uma pessoa que experienciou um evento infeliz, apesar deste não possuir nexo de causalidade com o resultado de sua ação, mas que a relação temporal investida na situação tenha sido tal a ponto de ser percebida como uma contingência possível para o ocorrido. De forma análoga, seria a seguinte constatação “se você não tivesse desperdiçado o tempo com futilidades, teríamos partido mais cedo e o acidente nunca teria acontecido”. Dessa forma, o indivíduo é censurado para alterar o comportamento futuro relacionado a essa contingência e provavelmente seu comportamento de perder tempo seja diminuído, ao passo que ação que não possui relação alguma com o evento seja transformada em uma eficiente consequência punitiva dada por meio de processos verbais corretos. (SKINNER, 1998)

Skinner afirma que “usamos o evento como uma punição, mesmo que realmente não tenhamos arranjado a contingência. Daí, é apenas um pequeno passo até a alegação de que se tem habilidade para arranjar essas contingências”. (Skinner, 1998, p.383)

Segundo Skinner (1998), o “aprender a ser religioso” inclui o estabelecimento de *condições reforçadoras*, como o incentivo, o reconhecimento, o afeto e o elogio, assim também o estabelecimento de *condições punitivas*, como por exemplo, a censura, o castigo e a repreensão. Em suma, familiares, conhecidos ou amigos e representantes religiosos agem de forma a recompensar o cumprimento das regras e castigam o descumprimento das práticas religiosas da doutrina da qual fazem parte.

A agência religiosa não consiste somente em um grupo religioso que dita regras ou retalha os demais membros dele, mas pode também consistir em um único indivíduo como, por exemplo, o feiticeiro de uma tribo que usa demonstrações de magia a fim de provar seu poder de dar boa ou má sorte, ou em uma organizada igreja com documentos que provam que o poder de intervir no arranjo de contingências reforçadoras lhe foi concebido por uma autoridade supernatural. (SKINNER, 1998)

A agência religiosa, conforme Skinner (1998), torna-se uma extensão do controle do

grupo governamental ao utilizar sua técnica principal. Refere-se a classificação do comportamento, não simplesmente como “bom” e “mau”, “legal” e “ilegal”, mas, sim, como “moral” e “imoral” ou “virtuoso” e “pecaminoso”, sendo que, a partir daí, é então reforçado ou punido de acordo. Dessa forma, as descrições tradicionais de céu e inferno estão intimamente associadas a reforços positivos e negativos. Esse ‘poder’ adquirido pela agência religiosa depende da eficiência de determinados reforçadores verbais condicionados, como a promessa do Céu e a ameaça do Inferno. A educação religiosa contribui para esse poder ao fazer o emparelhamento dos termos com outros reforçadores condicionados e incondicionados que, por essência, são aqueles dispostos nos grupos éticos e das agências governamentais já citadas.

Portanto, na prática a ameaça de perder o Céu ou ir para o Inferno faz-se contingente ao comportamento pecaminoso, enquanto o comportamento virtuoso traz a promessa do Céu ou alívio da ameaça do Inferno. (SKINER, 1998)

Outra técnica utilizada por essa agência particularmente poderosa, conforme trata Skinner (1998), é a de produzir culpa. A agência pune o comportamento visto pelo grupo como pecaminoso de um modo que, automaticamente, é gerada uma condição aversiva em que o indivíduo descreve como sendo um “sentimento de pecado”. A agência então provê uma fuga dessa condição aversiva por meio da “expição ou absolvição” sendo, assim, capaz de oferecer um reforço poderoso ao comportamento piedoso.

Sendo o comportamento sexual controlado pelo grupo, a agência religiosa utiliza-se disso para encorajar a castidade e o celibato e, dessa forma, tolera o comportamento sexual no casamento mediante apenas o propósito de procriação, como afirma Skinner (1998, p.388):

a agência religiosa geralmente estabelece um repertório de obediência para uso futuro, e pode também estabelecer um autocontrole extremamente poderoso para garantir uma medida do comportamento controlado na ausência do agente religioso. Esta é uma das consequências de uma ênfase na punição. Porque o controle é exercido muitas vezes mais poderosamente que o do grupo, a consciência religiosa ou o superego frequentemente fala em voz mais alta que a ética.

Para Skinner (1998), impondo medidas extremas de auto proibição, o indivíduo controlado pelas forças dessa agência pode se confinar a dietas restritas, submeter-se a longos períodos de jejum, empenhar-se em certos exercícios ou adotar certas posturas, ou ainda fazer uso de certas drogas motivado pela mudança que resulta em suas disposições para agir de modo virtuoso ou pecaminoso, pois o autocontrole por meio de manipulação dos estímulos é comum. Ser “tentado” é atribuído muitas vezes a uma personificação na literatura religiosa como Satã,

englobando todos os estímulos que levam ao comportamento pecaminoso. “Lutar contra o demônio” seria a busca por vencer o conflito entre o controlado e as respostas controladoras.

#### 2.4.3 Agência Econômica

Skinner (1998) defendeu que o controle econômico é naturalmente controlado pelo poder daqueles que possuem dinheiro e bens necessários. Sendo assim, a agência econômica pode ser constituída de uma única pessoa ou pode partir de uma alta organização, como também de uma grande indústria, uma fundação ou mesmo de um governo. Essa agência não é definida por seu tamanho ou estrutura, mas pelo uso que é feito dela. O uso do controle econômico é diverso, sendo que cada pessoa, instituição, indústria ou governo a utiliza para uma determinada finalidade. Se há alguma agência econômica como tal, é composta daqueles que possuem riqueza e usam-na de modo a preservar ou aumentar sua fonte de poder. Do mesmo modo como o grupo ético se mantém unido pela uniformidade do efeito aversivo do comportamento do indivíduo, aqueles que possuem riquezas também podem agir em conjunto alçando a proteção da riqueza e para controlar o comportamento daqueles que se apresentam como ameaça. Dessa forma, a agência econômica geral pode ser chamada de “capital”.

Skinner (1998) alertou que, para o estudo dessa agência, seria necessário examinar os procedimentos que representam um controle econômico harmônico e os efeitos de retroação que mantêm esses procedimentos.

A agência econômica, conforme apresenta Skinner (1998), exerce controle sob os indivíduos por meio do reforço positivo, nesse caso, denominados como bens e riqueza. Isso porque induz o indivíduo a trabalhar por meio de reforçamento, aqui, etimologicamente denominados como riqueza e bens. Esses termos possuem uma relação etimológica similar ao reforço positivo, porém, compreendem, ainda, reforçadores condicionados generalizados, como dinheiro e crédito, que são eficientes porque podem ser trocados por bens.

O controlador faz com que o pagamento de um salário torne-se contingente à execução do trabalho. O processo, entretanto, não se traduz na prática. Ao ofertar uma propina ou pagar pela realização de um simples serviço, por exemplo, de forma que aumente a probabilidade da execução de um serviço semelhante no futuro, tem-se descrição de um comportamento operante, visto que, o comportamento ocorreu e foi reforçado pelas consequências que produziu. O exposto também pode ser observado quando há emprego permanente. Pode-se determinar o desempenho em um dado momento, principalmente pelas contingências de reforço que prevaleceram até aquele momento, por exemplo, ao se fazer um acordo explícito. Contudo, os estímulos verbais anteriores devem ser analisados para explicar o efeito da contingência

econômica. (SKINNER, 1998)

Skinner (1998, p.418) apresentou que “o pagamento é contingente ao estímulo verbal da promessa de pagamento e à correspondência entre a topografia do comportamento e certas especificações verbais”. Salientou que as especificações verbais do pagamento se dão na apresentação da oferta, como “pagarei a vocês tantos cruzeiros se cortar a grama do jardim”, tal oferta especifica o comportamento de “aparar a grama”, especifica um reforço “tantos cruzeiros” e também uma contingência “se”. O empregado, então, depreende de uma perspectiva total que, é ocasião que, se a oferta for real, deve ser igual a outras ocasiões nas quais contingências similares se mantiveram.

#### *2.4.4 Agência Educacional*

Segundo Skinner (1998, p. 437), a educação “é o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo e para outros em algum tempo futuro”. Segundo o autor, os reforços usados pela agência educacional possuem finalidades de condicionamento.

Conforme Skinner (1998), na educação a aquisição de comportamento é enfatizada no lugar da sua manutenção. Diferentemente dos demais controles (religioso, governamental e econômico), o controle educacional preocupa-se em fazer com que determinados comportamentos sejam mais prováveis, pois, ao preparar o indivíduo para as situações que ainda não ocorreram, os operantes discriminativos são apresentados sob o controle de estímulos que é provável de ocorrer nessas situações. Para Skinner (1998), as consequências não educacionais podem determinar se o indivíduo continuará a se comportar do mesmo modo. Por esse raciocínio, a educação não faria sentido se outras consequências não ocorressem, pois, dessa forma, o comportamento do indivíduo controlado não teria importância a ninguém. Para Skinner (1998), a família se enquadra como uma agência educacional, pois ensina a criança a andar, a comer de uma determinada maneira, a falar, a se vestir, entre outros ensinamentos. Utiliza dos reforçadores primários disponíveis: água, alimento, aquecimento, atenção, aprovação e afeição. Algumas vezes, a família se empenha na educação por razões óbvias - por exemplo, porque a criança se converte em um membro útil:

o “orgulho” que o pai tem das realizações do filho não fornece nenhuma explicação, pois o termo descreve simplesmente o fato de que o feito da criança é reforçador. Este fato parece depender da cultura. O indivíduo continua a receber muitas formas de instrução casual de membros do grupo de fora da família, em que as variáveis disponíveis ao grupo são semelhantes àsquelas do controle ético (capítulo XXI). Certas formas de comportamento são classificadas como boas ou certas e outras como más ou erradas, e são reforçadas de acordo. Contudo, nem sempre fica bem claro por que se faz isso. Uma extensão do controle ético à educação,

como o orgulho da família, pode ter vantagens especiais para o grupo, caso em que pode ser explicado apenas através de uma análise dos procedimentos culturais (sexta seção) (SKINNER, 1998.p 438).

Não se diferencia pela natureza das variáveis, mas no uso que faz delas. Há uma distinção entre o uso do poder econômico para impulsionar o indivíduo a trabalhar e para induzi-lo a apreender melhores repertórios comportamentais. O explicitar de uma agência educacional, requer um tratamento especial. Educar é uma profissão com pessoas que constituem seu núcleo e que se empenham primeiramente pelo reforço econômico. Assim como nas demais profissões, os reforçamentos oferecidos pelos grupos éticos geralmente não são importantes: ensinar não é apenas uma forma de ter um sustento e ganhar a vida, é “algo digno de ser feito”. Portanto, ao ser explicado a existência de instituições educacionais em determinada comunidade, deve-se buscar explicar os comportamentos daqueles que pagam e que recebem para exercer tal função. (SKINNER, 1998)

#### *2.4.5 Psicoterapia como Agência Controladora*

Skinner (1998) observou que o comportamento inadequado, inconveniente ou perigoso para o próprio sujeito ou para aqueles que convivem com ele, requer, na maioria das vezes, um “tratamento”. O autor traz que antes o tratamento se dava por meio de conversas, conselhos, provérbios, tradições e outras formas de sabedoria popular norteadas por pessoas, amigos familiares ou até mesmo representantes das agências controladoras. Contudo, Skinner (1998), aponta que a Psicoterapia ocupa um lugar especial das agências, pois se preocupa com o problema que traz dano à dimensão psicológica do sujeito e de quem está relacionado a ele. O autor estabelece que a Psicoterapia é uma profissão, cuja função observa procedimentos, mais ou menos padronizados de uma análise da condição complexa em que envolve a vida do indivíduo.

Sendo administrada por muitos anos pelas agências religiosas e governamentais, essas punições sofrem confronto quanto ao posicionamento da Psicoterapia em advogar contra tais técnicas controladoras, anteriormente estabelecidas (SKINNER, 1998).

As agências controladoras estabelecem condições para as quais o comportamento torne-se função. Na psicoterapia, o papel dessa agência será de alterar tais condições para chegar aos seus objetivos analíticos, ao passo que ao promover com tais mudanças, promova também a saúde comportamental e serem bem-sucedidas em suas ações (SKINNER, 1991).

#### 2.4.5.1 Subprodutos de controle

Em *Fuga*, Conforme Skinner (1988), esse subproduto caracteriza-se pela fuga por parte do seu controlador. A fuga do controle religioso, por exemplo, é representada pela descrença, ceticismo e apostasia. Já as fugas pelas demais agências, como por exemplo a governamental, pela deserção, evasão, renúncia à cidadania ou fuga da prisão. Na *Revolta*, o indivíduo pode contra-atacar o agente de controle, respondendo às críticas do grupo com outras críticas. A revolta religiosa, por exemplo, pode ser dirigida contra uma agência específica, como na reforma do protestantismo ou contra o sistema teológico usado no controle como no ateísmo. Observa-se o controle governamental não apenas pela revolução política, mas quando estrutura do grupo o permite, pelo impeachment ou pela rejeição de um voto de confiança.

Certos subprodutos não exercem uma função positiva, conforme trata Skinner (1998), pois não resultam em vantagem para o controlador, sendo, muitas das vezes, prejudicial ao indivíduo e ao seu grupo. São alguns exemplos de subprodutos: medo, ansiedade, ira e raiva, revolta, resistência passiva. O psicólogo, por sua vez, está interessado em corrigir ou modificar certos subprodutos de controle. Uma das principais técnicas da agência Psicoterapia se dá em reverter as mudanças comportamentais que ocorrem no resultado do ato da punição.

### 2.5 Análise Funcional do Comportamento (AFC)

O conceito Análise Funcional foi originalmente estabelecido por Skinner a partir da ideia do físico Ernst Mach (1838-1916), a qual visava a identificação de relações ordenadas entre eventos da natureza. Dessa forma, Skinner (1961) considerou a análise de relações funcionais como uma referência em interpretação e investigação dos fenômenos naturais. É utilizada pela análise do comportamento, como recurso explicativo, método ou estratégia de intervenção em terapia comportamental. (SKINNER, 1965)

A análise funcional promove a identificação de relações de dependência entre eventos ou de regularidades na relação entre variáveis dependentes e independentes (Chiesa, 1994, p.133).

O conceito de contingências é o principal instrumento conceitual adotado por Skinner para a realização de análises funcionais:

"Uma formulação das interações entre um organismo e o seu meio ambiente, para ser adequada, deve sempre especificar três coisas: 1) a ocasião na qual ocorreu a resposta, 2) a própria resposta e 3) as consequências reforçadoras. As relações entre elas constituem as 'contingências de reforço'". (Skinner, 1975, p.182)

Segundo Neno (2003), após a chegada do modelo de seleção por consequências, a análise funcional é associada a uma noção de seleção não mecanicista, de causalidade. Ao invés de buscar por um agente originador do comportamento, a análise será voltada para o reconhecimento da multiplicidade e complexidade de possibilidades e determinações de um comportamento selecionado a partir dos níveis filogenéticos, ontogenéticos e culturais. Sendo assim, o princípio de seleção torna-se um princípio explicativo, oriundo da investigação do comportamento operante.

A chegada do conceito de operante, conforme Neno (2003), representa uma reelaboração da Análise Funcional de Skinner, pois adere a um modelo causal selecionista. Ou seja, a análise volta-se para as funções das respostas e para o modo como tais mudanças, por elas produzidas, afetam a probabilidade de comportamento voltar a ocorrer. A análise funcional requerida passa a ser aquela que identifica relações de tríplice contingência responsáveis pela aquisição e manutenção de repertórios comportamentais: estímulo antecedente, resposta e estímulo consequente.

De acordo com Neno (2003), na ciência skinneriana, as relações funcionais sempre serão associadas à compreensão da multideterminação do fenômeno comportamental, pois ela considera que as relações do organismo se dão na interação com todos os eventos do ambiente à sua volta.

"é apenas quando analisamos o comportamento sob contingências conhecidas de reforço que podemos começar a ver o que ocorre na vida cotidiana. Fatos que inicialmente desprezamos começam a comandar a nossa atenção, e coisas que inicialmente nos chamavam a atenção aprendemos a descontá-las ou ignorá-las. (...) Em outros termos, não mais encaramos o comportamento e o ambiente como coisas ou eventos separados, mas nos preocupamos com a sua inter-relação. Procuramos as contingências de reforço. Podemos então interpretar o comportamento com mais sucesso" (Skinner, 1975, p.184).

Como pontuado por Chiesa (1994), a seleção como modelo causal não é uma suposição, mas é empiricamente validada em experimentos de condicionamento operante, que comprovam a modelagem e manutenção de comportamentos complexos com base em contingências complexas.

Dessa forma, os analistas do comportamento procuram identificar relações causais na interação entre comportamento (a pessoa ou outro organismo) e aspectos de seu ambiente. Esse foco não desconsidera as contribuições de aspectos genéticos, biológicos, bioquímicos, neurológicos e outros do organismo, mas identifica a diversidade de relações causais existentes em um fenômeno. (Chiesa, 1994)

Esta análise se dará por meio da descrição das contingências que envolvem o sujeito, ou seja, pelas interações entre indivíduo e o seu meio ambiente. Será levado em consideração para tal análise o estímulo antecedente, ou seja, a ocasião em que a resposta ocorreu (quais regras das agências estimulavam o ato); comportamento ou a própria resposta (a ação movida pela regra); e as consequências que o comportamento gerou após a resposta (recompensas que fortalecem e justificam o comportamento ter sido função da regra). Dessa forma, será possível identificar as relações que constituem as contingências de reforço.

## **2.6 Análise do Discurso (AD)**

A Análise do Discurso reconhece o discurso como um agrupamento de enunciados de uma pessoa que está falando num contexto de interação, promovendo relações sociais (BORLOTI, 2008). Somando essa teoria à Análise do Comportamento, emerge a Análise Comportamental do Discurso (ACD), a qual entende que o discurso é determinado por contingências (passadas e atuais), consiste num dado empírico e sua análise afasta-se da metafísica. Logo, a ACD é uma ciência natural que considera o discurso como um comportamento capaz de ser previsto e controlado. (BORLOTI, 2008)

Para uma análise do discurso, são consideradas as seguintes etapas: 1) “texto-discurso”: informações produzidas por contextos específicos que revelam condições histórico-sociais que lhes embasam; 2) “enunciador”: o “autor” do texto-discurso; 3) “corpus” do discurso: sua “materialização” em diálogos e entrevistas transcritas, livros e artigos publicados, documentos oficiais, entre outros. (Gill, 2000/2002 apud BORLOTI, 2008)

O conteúdo das informações colhidas servirão para a investigação das variáveis envolvidas no processo de adoecimento da meia-idade por meio da Análise do Discurso de cada entrevistado. Para realizar essa análise, será selecionado o texto-discurso que contém informações produzidas pelo contexto de cada participante, em específico: o contexto de cada agência controladora; o enunciador, ou seja, o autor do texto-discurso; e o corpo do discurso, que consiste em sua materialização por meio do diálogo traçado na entrevista.

## **2.7 Concepções sobre a Meia-idade e a “crise na meia-idade”**

Erik Erikson desenvolveu, em meados do século XX, a teoria do desenvolvimento psicossocial, que reconhece o ciclo vital como um processo contínuo, dividido (pelo autor) em oito fases, sendo que cada fase influencia a seguinte e todas compreendem aspectos psicológicos e sociais desde a infância até a velhice (RABELLO, E.T. e PASSOS, 2007).

Uma das fases apresentadas em sua teoria é, justamente, a da meia idade. Erikson (1974) alerta que, para se refletir sobre o processo de envelhecer, processo este que inclui o fim da vida adulta e início da velhice, a juventude é o tempo oportuno. Agindo dessa forma, será possível aperfeiçoar o modo de viver para que possa viver bem quando envelhecer.

Segundo Erikson (1974), a meia-idade corresponde à fase da maturidade, na qual os adultos necessitam estar ativamente envolvidos na construção da próxima geração. Para o autor, nessa faixa-etária existe uma necessidade de sentir-se útil, principalmente em relação às pessoas mais jovens. Contudo, essa necessidade de utilidade, referente à crise em que o autor identificou no decurso do ciclo vital e que denominou de generatividade, não se limita apenas ao fato de se ter filhos para cuidar. Pelo contrário, pois não basta ter filhos ou não é necessário tê-los para desenvolver a capacidade de contribuir no ensino aos jovens, trata-se de uma preocupação geral pelos outros, um compromisso para além de si mesmo, com a família, com o trabalho, com a sociedade e com as gerações futuras. Ou seja, manifesta-se no sujeito da meia-idade, por tudo que já vivenciou de vida, uma necessidade de ensinar ou de guiar os mais jovens, não só para ajudá-los, mas também para formar a própria identidade. O indivíduo dessa fase, prevendo o declínio de sua vida, sente a necessidade de deixar um legado, que nada mais é que uma forma de participar na continuação da vida.

Conforme McAdams (2006), a generatividade se caracteriza especificamente durante a meia-idade, em razão das exigências de respostas generativas das demandas de trabalho e familiares que ocorrem neste período. Sendo assim, pais altamente generativos possuem uma tendência a envolverem-se de forma mais presente na educação escolar de seus filhos do que pais menos generativos.

Entre o início e o final da meia-idade existem diferenças marcantes. Portanto, é importante ressaltar o que Papalia, Olds E Feldman (2013) pontua a respeito de que cada indivíduo reage de forma distinta a diversos acontecimentos e fases da vida e que, por esse motivo, deve-se considerar a relatividade de cada caso. É possível perceber essa constatação ao fazer comparações entre as preocupações de uma pessoa de 40 anos com uma de 60. Muitas pessoas tornam-se pais pela primeira vez aos 40 anos e outras, tornam-se avós. Algumas pessoas iniciam suas carreiras aos 50 anos e outras, nessa idade, já se aposentam.

Entretanto, apesar de considerar a relatividade de cada indivíduo em seu ciclo de vida, é importante compreender também que as vidas não progridem de forma isolada. Os caminhos de cada indivíduo se cruzam com os caminhos das pessoas que o cercam (membros da família, amigos, conhecidos e também dos desconhecidos). Os papéis e trabalhos desempenhados por um sujeito estão inter-relacionados e são interdependentes da atuação das demais pessoas, pois

tais papéis são afetados pelas tendências na sociedade (PAPALIA, OLDS E FELDMAN, 2013).

Nessa fase, a vida biológica começa a apresentar indícios de declínio, porém, indivíduos nessa faixa-etária, em geral, apresentam bastante disposição vital, como por exemplo, para as atividades sexuais. Papalia, Olds e Feldman (2013) defendem que a atividade sexual pode sofrer um declínio entre 40 e 50 anos, mas possivelmente, por outros fatores, que não necessariamente os fisiológicos ou biológicos e, sim, por causas externas como monotonia no relacionamento, estresse ou preocupação com trabalho e negócios, cansaço, entre outros. Em contrapartida, existe a possibilidade de alguns relacionamentos sexuais melhorarem nesse período de vida, uma vez que a capacidade de reproduzir não é mais uma preocupação e, portanto, livres do risco de gravidez (ibidem).

Em se tratando do desenvolvimento da crise nesse momento da meia-idade, Erikson (1987) fala de duas principais possibilidades para superar essa fase: procurar novas formas de estruturar o tempo e utilizar sua experiência de vida em prol de viver bem os últimos anos ou estagnar diante “do terrível fim”, quando desaparecem pouco a pouco todas as fontes de carícia e o desespero toma conta da pessoa. Erikson (1987) faz uma ressalva acerca das crises e de suas consequências na construção da personalidade. Em suas palavras,

“uma personalidade saudável domina ativamente seu meio, demonstra possuir uma certa unidade de personalidade (...). De fato, podemos dizer que a infância se define pela ausência inicial desses critérios e de seu desenvolvimento gradual em passos complexos de crescente diferenciação. Como é, pois, que uma personalidade vital cresce ou, por assim dizer, advém das fases sucessivas da crescente capacidade de adaptação às necessidades da vida – com algumas sobras de entusiasmo vital?” (Erikson, 1987, p. 91).

Segundo Craig (1996), as tarefas da Meia-idade dizem respeito a: (1) ter responsabilidades cívicas e sociais; (2) a estabelecer e manter um padrão econômico de vida; (3) a ajudar os adolescentes a serem futuros adultos responsáveis e felizes; (4) a desenvolver atividades adultas de lazer; (5) a estabelecer relacionamento com esposo (a) como pessoa; (6) aceitar e ajustar-se às mudanças físicas da meia-idade e por último (7) a ajustar aos pais idosos.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 DESENHO DO ESTUDO (TIPO DE ESTUDO)

A presente pesquisa fez uso de objetivo metodológico indutivo, visto que não pressupõe hipóteses para a causa do problema; de finalidade metodológica básica, pois observou-se o fenômeno de forma empírica; de natureza qualitativa, por ter como objeto de análise os discursos dos participantes; descritiva e explicativa, uma vez que se buscou, como método de interpretação dos dados coletados, com base na Análise do Comportamento, sendo esta a teoria que subsidiou as análises, esclarecer os fatores que respondem o problema. Os dados foram colhidos via roteiro de entrevista semiestruturado e analisados a partir da Análise Funcional do Comportamento (AFC) e Análise Comportamental do Discurso (AD).

#### 3.2 Local e Período de Realização da Pesquisa

Após aprovação do Comitê de Ética, a pesquisa foi realizada no Serviço de Psicologia (SEPSI) na cidade de Palmas- TO. As entrevistas tiveram início no dia 27 de setembro e finalizaram em 23 de outubro. Os encontros aconteceram uma vez por semana com cada participante ao longo de três semanas, em dias e horários distintos, sendo que a duração foi de, no máximo, uma hora para cada entrevista.

#### 3.3 Objeto de Estudo ou População e Amostra

Compuseram o quadro de participantes da pesquisa, quatro indivíduos com faixa-etária correspondente à meia-idade (45-59 anos), conforme considera a OMS (2005), que estão em atendimento de psicoterapia pela clínica escola SEPSI.

Por se tratar de uma pesquisa nos moldes da Análise do Comportamento, visto que essa linha teórica considera que cada sujeito é único e possui particularidades, diferente de qualquer outro. Dessa forma, a busca que será feita pelos determinantes funcionais do comportamento supõe a singularidade do fenômeno estudado e, por esse motivo, faz uso de delineamentos do sujeito-único (Matos, 1990).

#### 3.4 PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram indivíduos correspondentes à faixa-etária de 45 a 59 anos de idade, que são usuários da clínica SEPSI, situada na cidade de Palmas- TO, os quais, atualmente, encontram-se em atendimento psicoterapêutico, sendo duas pessoas do sexo feminino e duas do masculino, independentemente do tempo de atendimento. O convite foi

realizado pessoalmente na recepção da própria clínica aos usuários que ali estavam. Foram selecionados os 4 (quatro) primeiros, que aceitaram por conveniência. Os participantes foram informados dos riscos e benefícios que teriam ao participar da pesquisa, além de serem apresentados ao TCLE (APÊNDICE A).

Seguindo o sigilo de anonimato dos participantes da pesquisa, os nomes utilizados para identificar cada discurso, são nomes fictícios. Os nomes escolhidos foram dos protagonistas do filme *Hair*, da década de 1970, que trata de um momento importante na história dos estadunidenses, o qual discute sobre paz e revolução política e social. Apesar de não haver relação entre as histórias dos personagens e os participantes desta pesquisa, o motivo da escolha dos nomes fictícios se dá pelo fato de que, no filme, os jovens escolhem viver de forma desregrada e na contramão da sociedade, dessa forma, se analisados pela época do filme, hoje tais personagens se encontrariam nesse período da meia idade, o qual interessa à presente pesquisa. Os nomes dos protagonistas utilizados são: Claude, George, Jeannie e Shirley.

### 3.5 Critérios de Inclusão e Exclusão

- Inclusão: Usuários do Serviço de Psicologia (SEPSI) que possuem entre 45 a 59 anos de idade, independentemente do tempo de atendimento.
- Exclusão: Usuários que não puderam comparecer às entrevistas na clínica escola SEPSI nos dias e horários estabelecidos.

### 3.7 Variáveis

- Dependentes: comportamento dos indivíduos do sexo masculino ou feminino, usuários do Serviço de Psicologia SEPSI, na faixa-etária da meia-idade (45 a 59 anos) que estão em processo de sofrimento e/ou adoecimento;
- Independentes: as regras que o sujeito obedeceu, de que forma as interpretou ao longo dos anos e como estão afetando o comportamento desse sujeito no momento atual da meia-idade.

## 3.7 MATERIAIS E INSTRUMENTOS

### 3.7.1 Roteiro de Entrevista

O instrumento utilizado para coleta dos dados da pesquisa foi um roteiro de entrevista semiestruturada cuja construção obedeceu aos critérios propostos por Skinner (1998), a respeito das Agências Controladoras que são economia, religião, educação, governo e psicoterapia, as quais nortearam a criação do instrumento de produção livre do próprio pesquisador, conforme

Apêndice B. O roteiro de entrevista compreende perguntas que orientam a investigação de questões relacionadas à trajetória de vida do indivíduo, ao passo que identificam a atuação das agências controladoras nos discursos. Portanto, as perguntas vão ao encontro da percepção do sujeito em relação às regras que recebeu ao longo da vida: como percebia as regras e como as sente e percebe hoje. Por se tratar de um roteiro de entrevista semiestruturado, de construção livre do pesquisador, a sua condução também ocorre de forma livre e flexível, sendo adaptado ao contexto de cada participante.

### 3.7.2 Estratégias de Aplicação

Para a coleta de dados, o roteiro de entrevista - que contém perguntas relacionadas às cinco agências controladoras - foi dividido em três etapas para cada um, com a finalidade de agrupar temas afins e promover um diálogo mais consistente. A primeira etapa tratou de duas agências: Governamental e política e Econômica. A segunda etapa tratou das agências Educação e Religião e a terceira, e última, da agência Psicoterapia. A aplicação de cada entrevista ocorreu de forma individual, em dias e horários distintos para cada pessoa, sendo uma entrevista por semana em um total de três para cada participante, em salas reservadas com proteção acústica, preservando o sigilo ético de cada indivíduo e tendo duração de uma hora para cada entrevista. Conforme solicitado por parte dos participantes, será realizado um encontro adicional para a entrevista de devolutiva com cada indivíduo que se disponibilizou voluntariamente a participar da pesquisa. Nessa entrevista, serão apresentados os resultados dos dados coletados por meio deles.

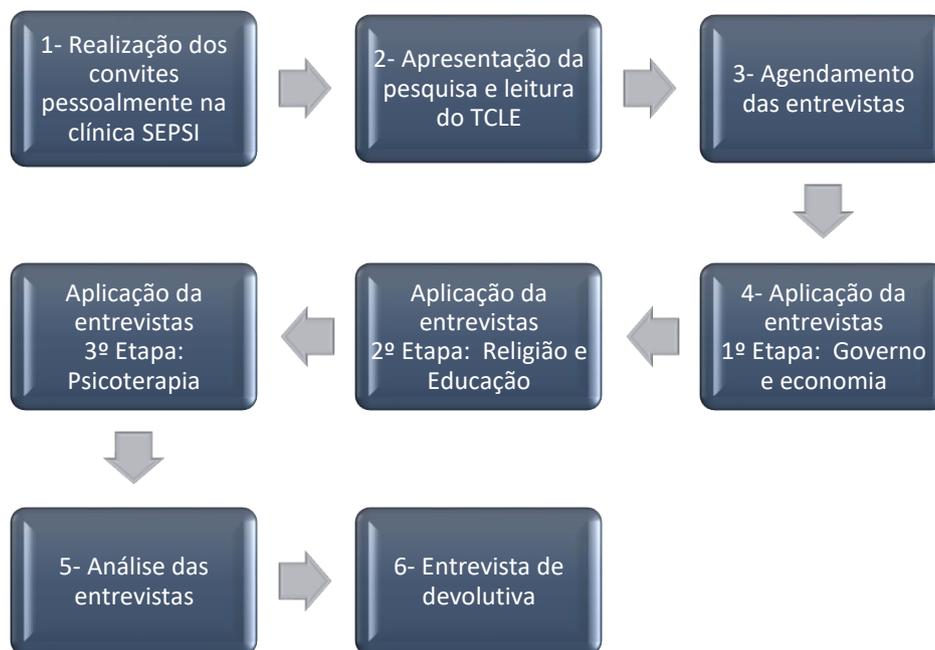
### 3.7.3 Procedimentos

O primeiro passo para iniciar a pesquisa foi entrar em contato com os, até então, supostos participantes, de forma individual e presencial no SEPSI, Palmas – TO, para a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após terem concordado, foram agendados os dias e horários, assim como foram reservadas as salas para entrevista com cada um.

Para a aplicação das entrevistas, seguiu-se o mesmo roteiro para cada pessoa, o qual foi aplicado em três encontros para cada participante, sendo um por semana, totalizando no geral, 12 encontros. Com base na solicitação dos participantes, foram agendadas entrevistas de devolutivas, as quais consistiram em apresentar os resultados da pesquisa que trazem, por meio do conteúdo coletado, a relação entre o discurso dos participantes e cada agência de controle identificada. Para esclarecimento do procedimento, apresenta-se a seguir, um esquema com os

passos utilizados para a realização desta pesquisa:

Fluxograma 1:



### 3.8 ASPECTOS ÉTICOS

Por se tratar de uma pesquisa de campo que envolve seres humanos, o presente projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil para fins de análise do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA) e aprovado, conforme o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 69135517.3.0000.5516 e parecer de número 2.292.757. Os indivíduos foram esclarecidos a respeito dos riscos e benefícios e convidados a participar como voluntários da presente pesquisa. Após aceitarem, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme os princípios éticos da resolução do Conselho Nacional de Saúde CNS 466/12.

O TCLE (Apêndice A) foi lido com cada participante de forma individual para esclarecimento de eventuais dúvidas quanto ao seu conteúdo, riscos, benefícios e sigilo ético considerados na resolução, assim como também foi explanado sobre os procedimentos posteriores à assinatura. A pesquisa considerou cuidados éticos, preservando o anonimato dos participantes, com garantia de manutenção do sigilo e da privacidade durante todas as fases da pesquisa, logo, resguardou a imagem e garantiu a não estigmatização. No entanto, caso alguma informação sigilosa seja divulgada por motivos que fujam à intenção da acadêmica pesquisadora, ou outros prejuízos quaisquer vinculados à realização da pesquisa, os

participantes têm o direito de indenização por parte do pesquisador e das instituições envolvidas.

Conforme acordado, os resultados serão apresentados aos participantes por meio de uma entrevista de devolutiva individual, que consistirá em apresentar a existência de cada agência de controle contida nos discursos e os conflitos atuais expressados.

### **3.8.1 Riscos**

Os participantes da pesquisa estiveram sujeitos a sofrer danos de dimensão psicológica, como desconforto e/ou constrangimento com as questões investigadas à medida em que foram abordados assuntos que envolviam sofrimento e conflitos comportamentais. Caso ocorresse, o psicoterapeuta seria informado sobre o ocorrido para utilizar os assuntos como pauta das próximas sessões. Além disso, qualquer dano, durante o período de realização da pesquisa, que havendo comprovada relação causal com a referida, será ressarcido ao participante.

### **3.8.2 Benefícios**

Dados os resultados, será possível a realização de uma pesquisa com conteúdo prático e vivencial que servirá como referencial para a produção de posteriores pesquisas com essa temática, sendo assim, as pessoas que participarem da proposta pesquisa contribuirão para o fomento do campo científico. Além disso, por já estarem em atendimento no serviço escola, os conteúdos que aparecerem nas entrevistas poderão servir de pauta no acompanhamento psicológico.

## 4. RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados fragmentos dos discursos de uma amostra de quatro voluntários, conforme já citadas no tópico “participantes”, sendo que dois voluntários são do sexo feminino e dois, do sexo masculino. Foram criados indicadores com base nos discursos de cada entrevista de forma que evidenciasse a influência das agências sobre a vida do indivíduo participante.

### 4.1 Apresentação dos participantes

Os participantes, representados pelos nomes fictícios de Shirley, Jeannie, George e Claude, estão abaixo apresentados numa tabela para melhor compreensão dos resultados obtidos. Em seguida, os participantes são apresentados na sequência dos nomes fictícios citados, obedecendo à ordem a qual iniciaram as entrevistas, que cumpriu a divisão das etapas conforme apresentado no tópico “procedimentos”. Por estarem em processo de psicoterapia, a aparição dessa agência, que se mostra como ferramenta da psicologia para intervenção às demais agências controladoras, será apresentada ao final, pois já era esperada nos relatos em algum momento. Por isso, primeiramente, serão citadas abaixo as quatro demais agências controladoras que surgiram nos discursos apresentando maior impacto durante a vida e principalmente no atual momento dos participantes.

4.1.2 *Participante Shirley* é psicopedagoga, casada, natural de Cajazeiras, Paraíba, possui 51 anos de idade, é católica e tem dois filhos menores de idade. Coordena um projeto de instrução de prevenção às drogas com pais e também com crianças e adolescentes em sua comunidade. As agências observadas em seu discurso foram: agência educacional (familiar), agência religiosa, agência econômica e governamental. A participante de origem familiar bastante religiosa e catolicista, ao entrar em contato com contextos de criação, ensino e posturas diferentes dos seus, acaba por sentir-se angustiada, com grande desconforto e mal-estar. Tem um confronto de realidade à medida que se frustra com o não seguimento das regras estabelecidas pelas agências que a influenciam.

4.1.3 *Participante Jeannie* do sexo feminino, que possui 48 anos de idade, é casada e atualmente possui um filho que mora fora por questão de trabalho. A participante perdeu uma filha que veio a falecer aos 17 anos, considera-se mãe de dois enteados menores de idade, filhos do seu atual marido. Não completou o ensino fundamental e direcionou-se durante a vida inteira à carreira de diarista e faxineira. Atualmente, faz fisioterapia por sofrer com hérnia de disco, problema nos nervos e dores nas pernas. Também por esses motivos, não consegue mais trabalhar com serviços de limpeza e, por não ter outra profissão ou estudo, vive da renda do seu

marido. As agências mais encontradas em seu discurso foram: agência econômica, educacional do tipo acadêmica e por fim, governamental. A interação da influência de tais agências resulta no aparecimento de conflitos conjugais e pessoais.

*4.1.4 Participante George* tem 46 anos de idade, é servidor público, não possui ou frequenta religião - apesar de possuir uma formação católica - atualmente cursa Educação Física na Instituto Federal do Tocantins (IFTO), possui uma filha de 17 anos de idade, já foi casado durante igual período (casamento que considera fracassado, pois havia muitas brigas por parte da ex-esposa). George atualmente namora uma mulher de 44 anos de idade, servidora pública em Brasília e considera que encontrou nesta mulher o amor de sua vida. O pai é engenheiro químico aposentado e a mãe, do lar. Possui em seu discurso descontentamento nessa fase da vida relacionado a influências das agências educacional (familiar e acadêmica). Apesar de encontrar-se corrigindo e ajustando determinadas desordens em decorrência da afetação dessas agências sobre sua vida, ainda existem sentimentos em relação ao passado que o faz sentir-se mal, porém, o impulsionam na busca por visualizar a resolução dos problemas acarretados.

*4.1.5 Participante Claude* do sexo masculino, possui 57 anos de idade, tem formação de turismólogo, é casado, natural de São Paulo, capital. Viveu o período do regime militar, no ano de 1964, sob intensa repressão moral, religiosa e política. Considera-se agnóstico, crítico religioso e político. Possui em sua formação familiar influência europeia, sendo os pais imigrantes europeus. Tem dois filhos do primeiro casamento, porém, atualmente encontra-se no seu segundo casamento. Em seu discurso, percebe-se a atuação das agências governamental e política e educacional (acadêmica e familiar).

A Tabela 1 apresenta uma síntese da relação entre as agências controladoras e as verbalizações de cada participante por meio de indicadores apreendidos nos próprios discursos dos indivíduos, os quais compõem o resultado geral, conforme pode ser consultada no APÊNDICE C.

## 5 DISCUSSÕES

Estão apresentadas nos tópicos a seguir as discussões dos resultados das entrevistas por meio das seguintes análises: *Análise das Agências Controladoras por participante*, *Análise por contingências*. Conforme apurado, foi possível perceber que todos os participantes encontram-se em sofrimento pela influência das agências controladoras sobre suas vidas. Estão sublinhados os trechos dos fragmentos que apresentam relação entre as agências controladoras nos discursos dos participantes.

### 5.1 Discussões das Agências Controladoras por participante

#### 5.1.2 Participante Shirley

As relações entre as agências controladoras e o momento da meia-idade dessa participante se dão no confronto de realidades opostas, de forma que Shirley sente-se afetada, causando-lhe sofrimento. A interação entre as agências educacionais (do tipo familiar) e religiosa fundem-se, tornando uma potência reguladora de comportamento da participante.

#### *Agência educacional (Familiar) e Agência religiosa*

Segundo Skinner (1998), o “aprender a ser religioso” inclui o estabelecimento de *condições reforçadoras*, como o incentivo, o reconhecimento, o afeto e o elogio, assim, também o estabelecimento de *condições punitivas*, como por exemplo, a censura, o castigo e a repreensão. Em suma, familiares, conhecidos ou amigos e representantes religiosos agem de forma a recompensar o cumprimento das regras e castigam o descumprimento das práticas religiosas da doutrina da qual fazem parte. A família, por sua vez, também exerce controle sobre os membros familiares, uma vez que está dentro da categoria de Agência educacional.

Fragmentos da fala de Shirley deixam claro sua formação familiar moral, por meio da descrição de regras nas quais a família, representada aqui pela figura do pai, que estabelecia, como a própria participante diz, claras consequências: *“Se você começa a namorar uma pessoa que bebe, você acha que no casamento, quando você casar ele vai deixar de beber? O meu pai era muito concreto.”* (...) *“eu não tive muitos namorados, namorei um rapaz com 17 anos, esse negócio de namorar com 15, 14 anos num... Então a ‘partir de 17 anos era permitido namorar’.”*

Reproduzindo o discurso familiar que também está imerso no discurso religioso, Shirley faz afirmações em favor de uma vida regrada e medida: *“quais são as consequências de uma*

*peessoa que bebe? o quê que acontece com a esposa? o que acontece com os filhos? todas as situações, meu pai foi muito concreto nisso, eu lembro bem, bem rígido mesmo.”*

Segundo Skinner (1998), as agências religiosas favorecem a censura de filmes, livros, peças, programas de TV ou qualquer atração que impeça o reforçamento de leis que governem a modéstia, a proibição de vendas de bebidas alcoólicas, etc. Portanto, um comportamento controlado pela ação dessa agência certamente irá se afetar ou ofender com ações distantes daquilo que cumpre. O impacto sentido aqui por Shirley deixa claro o quão bem empenhado foi o poder religioso, por meio também, da agência familiar.

Shirley demonstra sua indignação com relação à nova geração de jovens que não seguem os padrões religiosos, relacionam-se sexualmente, entram no crime, cometem violência contra as pessoas: *"Então eu... não entra na minha cabeça, não posso aceitar uma situação dessa, (modo como adolescentes e jovens de hoje vivem) eu me fazer de indiferente(...) isso me deixa preocupada"*

Ocorre também no controle religioso, que o agente se veja como alguém que, por estar em cumprimento das regras e supressão de comportamentos indesejáveis a essa agência, esteja em maior contato com as entidades espirituais, ou seja, apresente-se como modelo aos demais que ainda não desenvolveram tais habilidades dentro da agência:

*"Então, toda essa questão que Deus tava dentro de mim ou ter essa questão de ser chamada logo cedo pro o serviço da igreja, sentir atraída pela vida no convento, é tanto que eu tive, nossa estrutura toda do convento, mas Deus nos chama, e também dentro dessa comunidade tem vários chamados, de vida né?"*

A agência religiosa, conforme Skinner (1998), torna-se uma extensão do controle do grupo governamental ao utilizar sua técnica principal. Refere-se à classificação do comportamento não simplesmente como “bom” e “mau”, “legal” e “ilegal”, mas, sim, como “moral” e “imoral” ou “virtuoso” e “pecaminoso”, sendo que, a partir daí, é então reforçado ou punido de acordo. Dessa forma, as descrições tradicionais de céu e inferno, estão intimamente associadas a reforços positivos e negativos. Esse ‘poder’ adquirido pela agência religiosa depende da eficiência de determinados reforçadores verbais condicionados, como por exemplo, a promessa do Céu e a ameaça do Inferno. A educação religiosa contribui para esse poder ao fazer o emparelhamento dos termos com outros reforçadores condicionados e incondicionados que, por essência, são aqueles à disposição dos grupos éticos e das agências governamentais já citadas.

Portanto, na prática, a ameaça de perder o Céu ou ir para o Inferno, faz-se contingente ao comportamento pecaminoso, enquanto o comportamento virtuoso traz a promessa do Céu

ou alívio da ameaça do Inferno. (SKINNER, 1998)

Dessa forma, uma vez que o comportamento sexual é controlado pelo grupo, a agência religiosa se utiliza disso para encorajar a castidade e o celibato e, dessa forma, tolera o comportamento sexual no casamento mediante apenas o propósito de procriação, como afirma Skinner (1998, p.388):

a agência religiosa geralmente estabelece um repertório de obediência para uso futuro, e pode também estabelecer um autocontrole extremamente poderoso para garantir uma medida do comportamento controlado na ausência do agente religioso. Esta é uma das consequências de uma ênfase na punição. Porque o controle é exercido muitas vezes mais poderosamente que o do grupo, a consciência religiosa ou o superego frequentemente fala em voz mais alta que a ética.

Tal controle pode ser observado nos seguintes trechos da fala de Shirley a qual valoriza a castidade em razão do reforçamento recebido pela agência religiosa conforme descrito anteriormente: *"(...) então graças a Deus eu fui privada" (...) "casei virgem, ainda tenho o documento que a gente faz quando faz núpcia" (...) "o médico falou lá, ter cuidado que ela é virgem" "(...) inclusive hoje eu falo com meus filhos, a questão, ah use camisinha, a solução pra AIDS pra essas doenças, é a castidade."*

Para Skinner (1998), impondo medidas extremas de auto proibição, o indivíduo controlado pelas forças dessa agência pode se confinar a dietas restritas, submeter-se a longos períodos de jejum, empenhar-se em certos exercícios ou adotar certas posturas, ou ainda fazer uso de certas drogas, motivado pela mudança que resulta em suas disposições para agir de modo virtuoso ou pecaminoso, pois o autocontrole por meio de manipulação dos estímulos é comum. Como é o caso de Shirley, ao privar-se de determinados ambientes sociais e atitudes que desaprova segunda as orientações familiares e religiosas que a constituiu: *"então se eu não quero meus filhos, 'ah os meninos usuários de droga vão fazer isso', olha o que eu tenho que fazer, ficar junto deles, supervisionando, eu vou para uma pracinha, estou com eles, estou como supervisor entende? Então a questão é, supervisionar, eu não dar condições."*

Ser "tentado" é atribuído muitas vezes a uma personificação na literatura religiosa como Satã, englobando todos os estímulos que levam ao comportamento pecaminoso. "Lutar contra o demônio" seria a busca por vencer o conflito entre o controlado e as respostas controladoras (SKINNER, 1998).

*“o próprio Deus foi que me mostrou, que ali, ele me informou que ali não era o caminho, que Ele já tinha uma fala, e ali na palavra tava dizendo não consulte os espíritos, não de créditos a horóscopos”.*

#### *Agência Governamental*

Ao falar do seu projeto de orientação aos pais nas escolas e às crianças e adolescentes sobre PROERD é possível notar o intuito de extinguir o comportamento considerado “errado” e “pecaminoso”, por meio dessa ação preventiva de orientação aos pais e aos adolescentes, que se refere, conforme Skinner (1998), à correção de subprodutos de controle revolta, raiva, ira, fuga e comportamento de usar drogas, os quais ferem o modelo seguido, colocando em risco demais pessoas do grupo social. *“Então o quê que eu tô fazendo? Porque eu não admito essa situação, é a corrida dos pais, pra ficar atento aos seus filhos.” (...)“eu não estou sabendo lidar com isso, na verdade eu tô sofrendo (...) como na questão da violência, eu tava agoniada, não dava conta mais de ver na escola, aqueles meninos usando droga, aquela situação ali, eu me sentia agredida, eu me sentia com medo, então tinha medo das crianças, tinha medo dos adultos, tinha medo dos meus filhos, acontecer alguma coisa.”*

Os próximos trechos a seguir da fala de Shirley, demonstram sua indignação com o governo, uma vez que espera que seu controle sobre os comportamentos desajustados dos jovens na escola seja exercido de forma a lhe trazer o conforto e segurança que necessita para viver em grupo e em família: *“eu fico chateada, fico indignada, fico revoltada, quando eu vejo toda essa corrupção, toda essa situação né? Isso me causa revolta, né?”(…) “será que minha casa está adaptada para me acolher na velhice? Tudo isso eu fico pensando (...)” eu não vou ter uma alimentação que eu deveria, eu não vou ter um geriatra” (...) “eu não vou ter um salário que possa manter, uma pessoa pra cuidar de mim, uma enfermeira.” (...) “mas a questão de tirar o sono, essa questão, daqui a 10 anos eu vou ficar em cima dos meus filhos, como é que vai ser? Como ele estão (...) o que vai acontecer? Essa insegurança” (...) “e fico muito preocupada com o futuro dos meus filhos, num é?” (...) *Então tudo isso me preocupa.*”*

Esta preocupação possui relação com o que Erickson (1974) chama de generatividade, que se refere à necessidade de deixar um legado, que nada mais é que uma forma de participar na continuação da vida.

A participante alerta para os efeitos de um comportamento fora da lei que tem percebido na escola, sobre si. Demonstra claramente como está afetada, alterando o seu modo de funcionar em grupo, passando a aumentar o seu comportamento de vistoriar e assegurar os filhos como uma tentativa de garantir que os filhos não entrem em contato com o modelo de comportamento

que são aversivos para ela: *“Então, no trabalho a gente vê isso, na escola constantemente, e a gente tinha que lidar com isso, muitas vezes a gente tinha que pedir ajuda para chegar em casa, os policiais, porque eles arriava o carro da gente, ele furava o pneu, ameaçava, porque a gente sabia que eles estavam com droga, porque ali não podia, a gente vê as meninas fazendo determinadas atitudes, que não é para fazer em sala de aula, e que ali a gente tinha que ter a ordem, entende? Por que o ambiente transformador, e que aquela prática ali não condizia. Então aquela situação que eu observava, eu ficava nossa em volta de mim, eu queria o que? me proteger, proteger meus filhos. Então fui vendo, nossa que mundo é esse? onde eu estou? essa questão da doença, doença que eu falo é essa loucura que tá aí, de criminalidade.”*

A indignação trazida por Shirley apresenta o sofrimento de um agente religioso, imbuído de regras morais e éticas embasadas no controle da religião, que se expande para o campo da agência governamental, não desconsiderando os sentimentos relacionados à gravidade dos perigos vivenciados atualmente na rotina de uma escola, entretanto, seus discursos alertam para uma crise no sentido do sofrimento que vive. Não se pode determinar claramente se tal sofrimento envolvido se refere ao momento da meia-idade, uma vez que não se apresentou informações a respeito desta situação vivenciada pela participante e os papéis a serem desempenhados nessa idade. Contudo, pode-se observar que houve aparição de conflitos de realidades, por parte da participante, referente às diferentes formas de conduzir a vida, ou seja, às regras que a participante e o grupo decidem obedecer. Visto que, por mais que tais jovens possam ser “vândalos” e “descumpridores” das regras religiosas ou governamentais, estes certamente obedecem a regras de outros grupos sociais, dos quais estão inseridos e que fortalecem a ação de agir fora da lei e das exigências morais das quais afetam a sociedade, pois conforme apresenta Skinner (1998), as pessoas apenas mudam o controle pelo qual se comportam, mas estão constantemente sob controle de alguma agência.

#### *Agência econômica:*

A agência econômica, para essa participante, aparece sem grandes preocupações para a finalidade a qual se busca nesse trabalho. Os discursos trazidos pela participante sobre essa agência denotam apenas uma reflexão sobre as consequências do momento que se vive atualmente:

*“é um sentimento de insegurança, um sentimento de pobreza, de desvalorização, tudo esse sentimento que vem.”*

### 5.1.3 Participante Jeannie

No decorrer da análise dessa participante, é possível identificar a interação entre as três agências controladoras influentes sobre a vida dessa participante na meia-idade. Isso porque a agência governamental inicia afetando seu o campo de possibilidades, uma vez que sua classe social já determina alguns caminhos pelos quais irá percorrer ao longo da vida. Posteriormente, as agências econômicas e educacionais aparecem como consequência dessa influência governamental, ocasionando o sofrimento da participante, que acaba por estender tais influências para a vida pessoal e conjugal.

#### *Agência Governamental:*

O impacto dessa agência sobre a vida da participante ocorre no movimento que Skinner (1998) apresentou de que quando algumas das punições governamentais apoiam-se na remoção de reforçadores positivos como, exemplificando, no confisco da propriedade de um indivíduo, no ato de multar por infração do trânsito, aumentos dos impostos, ou encarceramento dentre outras formas de punição. *“Eu, vejo assim, muito financeiramente, na educação, pra mim e financeiramente, afeta muito. Muito difícil...” (...)* *“Eu tive que começar trabalhando cedo, ganhar meu dinheiro, pra mim comer, pra mim vestir...” (...)* *“queria poder ter minha casa, meu teto, moro de aluguel.”*

Dessa forma, a falta de oportunidades de formação e emprego na aquisição de uma casa própria, na distribuição adequada de renda, no acesso à saúde, cultura e lazer equivalentes aos demais grupos e classes sociais, se apresentam como remoção de reforçadores positivos e também como métodos de punição existentes nesse caso específico, para controle de comportamentos futuros indesejáveis, uma vez que o governo, segundo Skinner (1998), é o uso do poder para punir: *“Se eu pudesse, se eu tivesse, como se diz, se o governo, tivesse mais uma facilidade, tivesse, fosse mais bem dividida, as coisa num, dá uma prioridade melhor pro meus fi” (...)* *“queria poder ter minha casa, meu teto, moro de aluguel (...) poder falar: isso aqui eu posso fazer, vou trabalhar. Nossa senhora seria bom demais (...) ter saúde”.*

Skinner (1998) salienta que algumas das punições governamentais apoiam-se na remoção de reforçadores positivos como no confisco da propriedade de um indivíduo, no ato de multar por infração do trânsito, aumentos dos impostos, ou encarceramento dentre outras formas de punição. Outras constituem-se na apresentação de reforçadores negativos, ou seja, apresentação de um estímulo aversivo que gere como consequência, o aumento da probabilidade de respostas esperadas à medida que diminui as respostas indesejadas, como por

exemplo, castigos físicos, trabalhos forçados, ameaças ou injúrias, exposição em público, entre outros.

*Agência Econômica:*

De acordo com o que foi coletado da participante Jeannie, percebe-se que esta encontra-se atualmente em sofrimento em decorrência da falta de emprego, dada a sua condição de dependência financeira do marido. Tal sofrimento é encontrado em sua fala a respeito das agências econômicas: *"Me incomoda, me deixa triste, me sinto às vezes desvalorizada (...) Me Deixa muito frustrada, deixa sem ânimo" (...) "se eu desse conta de me manter, eu sairia de casa" (...) "Separar, sem olhar pra traz. Duas coisas que me prende, é não da conta de trabalhar e minha enteada que eu crio"*.

Skinner (1998) trata do controle econômico como sendo naturalmente controlado pelo poder daqueles que possuem dinheiro e bens necessários, sendo a agência econômica constituída de uma única pessoa ou partir de uma alta organização, como também de uma grande indústria, uma fundação ou mesmo de um governo. Como visto no discurso de Jeannie - por estar desempregada - a mesma não se enquadra dentro do modelo econômico, não possuindo o que o autor considera como “valor econômico dos bens” e “valor econômico do trabalho”, sendo que este primeiro consiste na relação de benefício entre a troca do produto (trabalho) e a recompensa (salário ou remuneração) e o segundo, na aquisição de bens em decorrência do esforço e empenho, o que poderia ser chamado de sentido do trabalho.

A participante traça planos, que, porém, sucumbem ao voltar-se para sua realidade financeira: *"Tem... vários locais que oferecem, tipo Senai, Embeleze, esses cursos É... Eu só não faço mesmo porque eu não tenho condição de tá pagando."*

A respeito da vida de privação financeira que levou durante a infância e adolescência, a participante traz que, ao começar a trabalhar, quis obter bens que não podia possuir antes do trabalho: *"Eu lembro que meu primeiro salário, eu comprei roupa nova, comprei sapato e foi."*

Neste fragmento, compara a época em que trabalhava com a situação atual de desemprego: *"Não poder ter seu salário, igual eu andava sempre arrumadinha, hoje eu não posso, eu sinto muita falta dessa época. Como se eu tivesse voltando lá atrás (época em que ainda não trabalhava e tinha que se privar de várias coisas)."*

Aqui, a participante fala do seu constrangimento com relação a não poder suprir as necessidades da afilhada: *"e sabe, você não ter nem um dinheiro pra comprar uma balinha pra dobrar sua fia, né? Então né? É doído, é muito triste, eu num tinha passado por essas coisa, pra você ver né, porque já era pra ter, pra trazer uma bolacha um trem uma coisa, então nunca mais faço isso com minha filha, nem que não venha."*

Dessa forma, a relação de sofrimento atribuído à ausência do poder econômico se dá exatamente pelo fato de haver uma ausência do controle econômico de sua parte e a efetivação desse poder por parte do seu marido, que ocupa o papel que Skinner (1998) chama de “controlador”, utilizemos esse termo para melhor explicação. Ainda que não se estabeleça uma relação de empregado e empregador, as condições de Jeannie em relação a ausência do poder econômico e dependência financeira se aproxima dessa interação, visto que o controlador torna o “pagamento do salário”, nesse caso, o sustento, contingente à execução do trabalho, que, neste caso, pode se traduzir na condução da organização da casa e dos filhos para o “controlador”, além de lhe permitir direito de decidir sobre questões do lar em razão de possuir o poder econômico em mãos.

Skinner (1998) explicou que as especificações verbais do pagamento se dão na apresentação da oferta, como por exemplo, “pagarei a vocês tantos reais se cortar a lavar as roupas sujas”, tal oferta especifica o comportamento de “lavar as roupas”, especifica um reforço “tantos reais” e também uma contingência “se”. O empregado então depreende de uma perspectiva total que, é ocasião que, se a oferta for real, deve ser igual a outras ocasiões nas quais contingências similares se mantiveram.

Entretanto, se não existe tal contingência do reforço estabelecida por meio do comportamento resultante da oferta especificada, ocorrerá uma diminuição do comportamento de se alegrar em razão do retorno financeiro e um aumento do comportamento de se frustrar e rebaixar da autoestima, como pode ser detalhado na fala abaixo, momento em que traz sua frustração em não poder decidir sobre as questões do lar, já que não possui o poder econômico: *“Igual essa história que meu marido quer levar um rapaz pra morar lá em casa e eu não quero, aí eu fico... se eu contribuísse alguma coisa, eu podia exigir mais, mas como não contribuo, tudo é ele, eu tenho que aceitar calada, só que eu não quero aceitar, mas tem que aceitar.”*

*Agência Educacional (acadêmica):*

Nesta agência, é possível perceber os sentimentos de sofrimento e frustração com a vida que levou e arrependimento pelas decisões da própria vida. Fala sobre o que mudaria se pudesse voltar no tempo: *“Então, eu me arrependendo de não ter estudado” (...)**Se eu pudesse, teria estudado, teria se...se preparado melhor, se eu pudesse voltar. (...)**Ter um estudo” (...)* *“Eu tenho vontade, eu tenho vontade, de fazer algum curso, alguma coisa, acho que pra recuperar o tempo que eu perdi, ser alguém, poder ser alguém, poder ter uma profissão” (...)**“Ter uma profissão, ter estudado, um nome, e ser reconhecida né? Ter pelo menos o estudo, ter uma profissão, que hoje eu não tenho.”*

Considera-se sua maior cobrança, pois, além de sentir a necessidade dos benefícios do estudo em sua vida, cobra-se por sentir que outros também o façam: *"Acho que é uma cobrança" (...)"eu sinto falta assim de, como é que eu quero falar? De não ter feito, de não ter conseguido realizar nenhum curso, nenhum sonho, nem nada, tenho dificuldade"*

Jeannie valora os estudos como um produto que dignifica o indivíduo, desse modo, a forma como se vê é sem valor ou sem dignidade: *"Então, eu tenho assim, que eu poderia ter, tinha um ideal, um... Eu tinha um sonho, se eu tivesse, podia hoje ter, hoje tá numa fase melhor, ter sido alguém né?"*

Segundo Skinner (1998, p. 437), a educação "é o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo e para outros em algum tempo futuro". Sendo assim, pode-se depreender que aquele que não obteve o controle educacional não apreenderá comportamentos vantajosos a seu favor no futuro, o que ocorre na forma como Jeannie se vê.

A ausência de repertórios adquiridos pela agência educacional a coloca numa situação de desvantagem, o que engloba todos os sentimentos negativos e pessimistas a seu respeito.

Conforme Skinner (1998), ao preparar o indivíduo para as situações que ainda não ocorreram, os operantes discriminativos são apresentados sob o controle de estímulos que é provável de ocorrer nessas situações. O preparar para situações que não ocorreram é que engendra o sofrimento de Jeannie, pois, por seu repertório limitado de habilidades para o trabalho, é que não se encontra preparada para assumir diferentes tipos de emprego do qual necessita, além de sua condição física, que decorre dos desgastes da idade.

Portanto, a respeito de Jeannie é possível afirmar que existem indicadores de uma crise, e ainda existente, uma vez que a participante se encontra em acentuado sofrimento em decorrência da sua situação atual financeira, a qual a faz refletir sobre diversos outros aspectos da sua vida entre eles, os aspectos de utilidade e produtividade.

De acordo com o entendimento de Lachman e James (1977), a meia-idade é este momento de reavaliação de escolhas da vida. Observa-se que Jeannie se encontra especialmente nesse momento em que compara o que poderia ter realizado da própria vida, a fim de não entrar em contato com o estímulo aversivo atual, que é o de desemprego ou dependência financeira do marido.

#### **5.1.4 Participante George**

*Agência Educacional (Familiar e Acadêmica)*

O participante George encontra-se ainda em processo de enfrentamento em relação ao

sofrimento causado por essa agência. De acordo com os relatos a seguir, esta afirmação poderá ser verificada:

*“40 anos de idade, eu botei na minha cabeça o seguinte: eu preciso fechar alguns ciclos, ciclos esses que eram pra terem sidos fechados lá na adolescência, Então de 2010 para cá, eu fechando os ciclos ” (...)*

Ao discriminar a necessidade de atuar dentro do papel instituído para si mesmo enquanto adulto da meia -idade, que é o assumir de um papel responsável, George mobiliza-se e inicia uma busca contra o tempo, a fim de realizar o cumprimento dos papéis estabelecidos nas etapas anteriores da vida, das quais decidiu abrir mão durante a juventude. Baum (2006) afirma que quando uma pessoa age de forma “responsável”, ela está se comportando de uma forma socialmente “útil”, o que significa estar de acordo com as relações de reforço a longo prazo.

Não havia exemplos de punição ou esclarecimento das consequências a respeito de comportar-se de dados modos e George sente que poderia ter recebido imposições mais incisivas na sua criação, de forma que durante um bom tempo culpou a mãe, com quem conviveu até os 28 anos de idade: *“eu culpei a minha mãe por ser muito liberal comigo” (...)* *“Eu teria dado mais, eu teria, eu gostaria que a mamãe tivesse puxado mais minha orelha na adolescência”*. Porém, percebe-se que a ausência de responsabilidade ocorre justamente pela ausência de regras na constituição de George ao longo da sua trajetória:

*“Eu sempre fui brincalhão além do ponto, eu sempre brinquei demais além do ponto, eu dizia que a minha filha, eu não tinha relação de pai com filho, eu tinha relação de amigo, de brincadeira, de zoação, dificilmente eu brigava com ela, (...) atitudes assim de cobrar uma coisa que tá errada, eu sempre empurrando com a barriga, deixa ela pra lá” (...)* *“só que quando você tem um filho, e ela começa a crescer num ambiente onde ela é muito largada e as amiguinhas delas começam a ter posturas esquisitas e dançar aquelas músicas esquisita e música que eu não gosto, e que minha filha gostava e músicas sensualizando de mais a criança, aí a gente falou, na época a gente falou que ‘tava na hora de a gente ir embora’, ela era virgem, dar um rumo pra minha filha, uma educação melhor, um local melhor.” (...)*

O uso do termo responsável, por sua vez, coincide com a ideia de autocontrole. O comportamento responsável deve ser mantido. Dessa forma, falar sobre responsabilidade é discutir a utilidade ou o desejo de estabelecer consequências (BAUM, 2006).

Não cumprir com as regras é não cumprir com a responsabilidade para com o grupo, o que também gera consequências. Dessa forma, Baum (2006) considera que as pessoas possuem

dignidade à medida em que elas podem ser consideradas responsáveis. Para o autor, a responsabilidade está ligada à decisão de impor ou não impor consequências para seus atos.

O sofrimento é, de certa forma, ainda presente em George, porque agora é que ele consegue compreender o peso que a ausência de regras teve sobre sua vida hoje. *“E aí eu tô querendo fechar essas portas agora, fechar os círculos”*. Dizer então que se considera alguém responsável, é dizer que deseja mudar seu comportamento punindo ou reforçando.

As relações de reforço, portanto, que mantêm ou deveriam manter o comportamento de ser responsável são claras e deseja-se diminuí-las ou aumentá-las. (Ibidem).

No que tange o autocontrole, Baum (2006) diz que consiste em fazer uma opção, já Skinner (1988) considera a possibilidade do indivíduo controlar seu próprio comportamento. Para Baum (2006), o sujeito utiliza do seu exercício de “autocontrole” quando “escolhe” os cursos de ações alternativas, decisões ou “pensar sobre” um problema e cuida da sua saúde ou posição social. Atualmente, George tem buscado desenvolver seu autocontrole na psicoterapia, a fim de se manter no comportamento de ser responsável, tanto para si quanto para os outros a sua volta: *“agora mudou um pouco a conversa, entre eu e ela. Agora é pai e filho, né? eu tenho que me policiar, porque agora eu tô cobrando muito.”*

Baum (2006) caracteriza os comportamentos em bem-sucedidos e malsucedidos, sendo que estes são definidos por seus efeitos. São comportamentos bem-sucedidos aqueles que produzem bons efeitos, e são malsucedidos aqueles que produzem não tão bons efeitos ou efeitos ruins. Para ele, sucesso e fracasso em termos de aprendizagem operante, estão relacionados a reforço e punição. Sendo assim, uma ação bem-sucedida assim o é, porque foi reforçada, já uma ação malsucedida, não foi suficientemente reforçada ou recebeu punição. Dessa forma, a namorada de George apresenta-se como primeiramente um confronto de realidade, uma vez que se coloca como um modelo bem-sucedido, independente e madura, sendo tudo aquilo que George havia aberto mão de ser. Não se preocupava nem traçava planos para mudança da sua realidade, até a chegada da namorada em sua vida. *“O que mais pesou nesse, na meia idade, talvez foi, talvez tenha sido a cobrança, a cobrança de eu ter uma pessoa, onde eu quisesse dar orgulho, onde eu quisesse me equiparar com ela.”(...)* *“Então eu melhorei demais aqui, eu tive que melhorar, porque se eu não melhorasse eu ia perder minha mulher.”(...)* *Ponto final. Simples assim.”*

A partir daí, envolve -se na busca por realizações e conquistas. Empenha-se em conseguir concluir as tarefas que se propõe a fazer.

*“Aí eu precisei me ajustar, me adaptar”(…)“ (...) “eu encontrei a mulher da minha vida e falei, se não mudar vou perder, pronto.””*

### 5.1.5 Participante Claude

*Agência Educacional (acadêmica)*

Esta agência, encarrega-se de reproduzir o controle das agências governamentais, religiosas e familiares. Dessa forma, a punição se estabelecia como forma de ajustar os comportamentos indesejados e preparar, conforme Skinner (1998). Claude aumentava sua frequência de comporta-se de forma agradável para fugir das punições e castigos escolares e também pelo fato de receber como consequência o título de “bonzinho”.

*“Muito medo, porque você tinha que ficar o tempo tentando agradar, pelo menos era o meu expediente, sendo bonzinho, na verdade a criança sabe o que é ser bonzinho e o que não é. A gente cumprir um papel ali dentro daquele sistema, uma diretora da escola muito rígida, muito rígida.”*

Skinner (1998) discute que a agência religiosa, quando em interação com outras agências, como, por exemplo, a educacional, pode vir a treinar professores para atingir o objetivo de manter o controle educacional. Tais regimes, segundo Claude, não contribuíam para uma educação potencializadora de conhecimento, justamente pelo período histórico pelo qual passava o país. Não se produzia sujeitos críticos:

*“eu fui educado pra apertar parafuso, a minha geração foi educada pra isso, pra ser, pra dar continuidade nos seus estudos no Senai, pra ser funcionário de metalúrgica, essas é a região que eu estava né? então era uma educação pra obedecer, não era pra pensar, e isso que eu vou me estabelecendo nesse meio”.*

Aqui, trata do lado político não como ideologia ou pensamento filosófico, mas no campo da interação social. Nesse fragmento, é possível identificar que apesar de sofrer influência dos controles das agências, Claude encontra uma forma de funcionar dadas as contingências estabelecidas no ambiente escolar. Assim, Claude desenvolve um repertório comportamental próprio, por meio da modelagem, como trata Skinner (1998).

*“esse filho dessa família sempre teve um bom relacionamento dentro da escola Vincentinha, porque eu desenvolvi o lado político, por mim mesmo, não sei como né? Então eu, como eu não ia muito bem no estudo, eu precisava do equilíbrio do ambiente, via amizade, então era bonzinho, era obediente, eu era isso, eu era aquilo, pra poder me estabelecer deficitariamente pros padrões da época, e tinha um peso, que era ser um excelente aluno em*

*nota, e eu não era um aluno excelente em notas, então eu consegui estabelecer um processo que mais tarde eu observei que esse processo da infância, da adolescência é um processo eminentemente político, de sobrevivência do meio.*”

#### *Agência Governamental e Política*

Claude, traz resquícios de uma vida com base no controle e na coerção. Skinner (1998) já pontuava que o governo é a agência incumbida de punir comportamentos ditos “errados” ou “ilegais” e é nesse contexto que Claude se estabelece como alguém que precisa se policiar nas palavras, exercer um autocontrole e auto monitoramento a respeito do comportamento como forma de fugir do controle punitivo. *“Um brasil sempre em crise, eu nasci em 60, 1960. Em 64 foi o golpe militar, então nós tivemos um período de ditadura, que comprometeu a minha infância, a minha adolescência, meu início da minha juventude. Se não me engano eu fui a primeira vez da minha vida com 24 ou 25 anos de idade pra você ter ideia, porque não tinha eleições na cidade de SP, e eu sou paulistano, então eu vivi o centro da crise de poder no Brasil”*. O resultado disso se apresenta tempos depois, quando Claude precisa se estabelecer como indivíduo adulto e agir sobre o próprio controle.

#### *Agência Educacional (Familiar)*

Esta agência já inicia seu controle sobre Claude, estando imersa nas relações de controles entre as agências Educacionais e Religiosas. Skinner (1998) apresenta a agência educacional familiar como um também agente de controle poderoso que produz efeitos coercitivos, punidores ou reforçadores sobre o indivíduo, visto que é a agência que está em contato direto com o sujeito.

O pai aparece como uma figura punitiva, que dita as regras familiares, sem aberturas para questionamentos e reflexões, um resultado do regime governamental da época: *“O mais engraçado é que meu pai tá com 91 anos” (...)* *“ele sempre criou regras pros outros obedecerem, e agora você (irmão) tá replicando a mesma coisa, falei esses dias brincando com ele, você quer que ele obedeça ao médico e a você? você esquece, ele é anarquista.”*

O modelo punitivo apresentado pelo pai, que delimitava determinados tipos de assuntos a serem falados, limitava a discussão política, porém realizava críticas ferrenhas à religião, produz um Claude desorientado e inseguro perante o mundo, ou melhor dizendo, sem repertório comportamental necessário para as demandas que lhe surgiria posteriormente: entendimento sobre relacionamento, família, casamento, filhos, trabalho, formação acadêmica, gerir a si próprio: *“De qualquer forma, eu reconheço que houve a crise da meia-idade, eu não sei se é meia-idade, eu não sei se precisar se essa crise foi, se inicia aos 36 anos ou se ela se estabelece*

*um pouquinho mais para frente, mas crise dos 40 me afetou profundamente, a ponto de eu buscar uma formação superior que eu não tinha, eu fiquei 10 anos estudando sem trabalhar para você ter ideia, comecei a viver por projetos e eu descobri que não precisava trabalhar pra a gente ter esse dinheiro do dia a dia para sobreviver né? Ou seja, eu consigo quebrar aquela coisa para operaria, o discurso operariado da família.” (...) “O meu pai a vida inteira foi comerciante, (...) sempre dado as relações comerciais, mas com foco no comércio, então as discussões políticas as discussões de ideias gerais sobre o Brasil, isso era vedado, embora ele tinha as posições dele, posições ultrarradicais, então tinha que ser muito vedado, então a gente como crianças sabíamos que aquilo era um assunto que não poderia ser tocado” (...) “eu começo a perceber que eu não tinha uma escuta boa, mas eu não tinha escuta boa, de origem lá na família, meu pai sempre escutou o que ele quis e descartou o que não interessava para ele, de uma certa forma eu me vi nesse processo de aprendizagem, aí eu começo, eu penso ‘eu tenho que melhorar isso’.”*

Dáí então, após a saída de casa, Claude passa a reverberar o que absorveu do seu processo em família, do regime militar e religioso e desenvolve por meio da modelação e modelagem repertórios próprios de comportamento que vão o auxiliando na vida adulta, porém, de forma tardia, como classifica: “é proibido falar de política nessa família, nesse novo território, nós estamos aqui para trabalhar e para fazer patrimônio” (...) “eu me sentia com certos bloqueios, porque eu não podia falar de certas coisas, em casa, podia perguntar certas coisas, na escola, é então essa se constitui a minha vida, foram muito poucas informações, mais gerais no campo de vida pública, da vida política então, essa fluidez não houve a minha infância e não houve na adolescência, isso se deu tardiamente.”(..)“E começo esses primeiros conceitos, que melhoram muito a minha qualidade de Campo, a qualidade da escuta, mas eu ainda tinha problemas em campo, porque aquela exigência o tempo todo de você poder fazer melhor e você saber que o trabalho pode sair melhor.”

Na vida adulta, depara-se com o mesmo contexto do qual quis esquivar-se: “aí eu me apaixono por uma menina, eu caso com 20 anos de idade. Isso era uma forma de tirar o meu pai da minha vida, mais tarde que eu fui ter essa reflexão obviamente, então como eu tinha assim uma linha muito séria, eu julgo hoje, muito séria, muito comprometida, com trabalho, com meu empenho, eu fui muito feliz nesse começo de vida, casamento, filhos chegaram 4, 5 anos depois, então foi uma fase muito interessante da minha vida, mas obviamente eu paguei um preço alto, porque me tirou do contexto de início de juventude, me colocou dentro do talvez era o meu maior sofrimento, que era essa base nuclear completamente operariado de pensamento, isso querendo ou não é um processo de crise permanente né? se não uma crise,

*um mal estar eu diria, o mal-estar permanente, eu não sei onde está desencaixado, eu não sei, eu não sei e foram muitos anos assim.*”

#### *Agência Econômica*

*“eu estou sempre de deficitário nos projetos (...), quando eu tenho bons projetos é sempre deficitário no pagamento, porque as prefeituras estão quebradas, e não tenho, se eu te falar que eu não consegui uma estabilidade financeira ao longo dos anos, ela não se apresentou, isso também não é um grande problema na minha vida, eu não sei porque, embora eu tenho os meus sofrimentos ansiogênicos assim, pela questão financeira, de uma certa forma ela vai se acomodando.” (...) “eu não tenho grandes arrependimentos, até porque eu nunca tive tanto suficientemente para poder desperdiçar, então não tem histórico de desperdício ou do prejuízo, é uma história que eu não tenho na minha vida, no sentido financeiro, econômico tá?”.*

Apesar de não ser uma agência da qual o participante se queixa, acredita-se que seu mal desenvolvimento no campo econômico possa vir somar, de alguma forma, na execução das demais agências das quais foi afetado, como a educacional e governamental, por exemplo.

Em suma, pode depreender-se a respeito da influência das agências aqui apresentadas que Claude atravessou um período de crise na meia-idade que abalou as estruturas de sua vida. A coerção e rigidez em punir que recebeu desses controles, fez com que desenvolvesse um comportamento engessado perante a vida, senão inseguro. Seu processo de crise se apresenta à medida que as tarefas ou papéis sociais desejáveis para sua conduta nesse momento da vida não estavam sendo atingidas, porém, não somente isso, os regimes de controle das agências, produziram sobre o Claude afetado um sofrimento, sentimento de vazio e incompletude de forma que Claude recusou-se encarar a realidade, durante esse período o qual alega ter passado pela crise. No que tange à agência educacional, após os episódios da infância e adolescência, Claude declara ter levado 10 anos estudando sem trabalhar, demonstrando sua dificuldade em lidar com o atraso escolar que era compensado pelo comportamento de ser “bonzinho”. A respeito da agência familiar, ao sair de casa, envolve -se em um relacionamento para o qual não está preparado, e, na busca por diminuir o efeito do discurso do seu pai ainda existente sobre ele, acaba não sabendo gerenciar tal situação, por nesse período, ainda estar sob efeito das regras. Demonstra uma forma de contra controle no que concerne às agências religiosa, política e educacional desenvolvendo, posteriormente, quando já fora desta crise, duras críticas a estas agências que surtiam sobre ele efeito de indivíduo controlado e engessado, uma vez que os

comportamentos apresentados por ele demonstram um questionamento da realidade das contingências alegadas.

## 5.2 Análise Funcional do Comportamento (Análise por contingência)

### Participante Shirley

Quadro 1: Análise por contingência

<b>Agências Controladoras</b>	<b>Estímulo Antecedente S-</b>	<b>Resposta R→</b>	<b>Estímulo Consequente S</b>
<b>Econômica</b>	-Crise econômica -Aumento de preços	-Gastar as reservas das poupanças - sentir insegurança em relação às necessidades futuras: filhos, velhice, recursos, etc.	-Sem poupança
<b>Educacional (Familiar)</b>	Regras sobre comportamento moral: -Castidade para o casamento -Corpo e vida puros: sem álcool e outras drogas, etc.	Cumprir com as regras estabelecidas	-Aprovação social, e familiar -Conflito com realidades diferentes da sua
<b>Governmental e política</b>	Serviços de saúde, segurança, lazer de baixa qualidade	-Buscar os serviços -pensar sobre necessidades futuras e suas dificuldades	Sem acesso aos serviços esperados e necessários

<b>Religiosa</b>	Receber regras religiosas: -Distância do mal/pecado -Pureza de corpo e mente -Doutrinas religiosas segundo a bíblia	-Obedecer às regras descritas -sentir-se confortável e segura	-Aprovação dos membros da comunidade religiosa -Conflito com realidades diferentes da sua
------------------	--	--	--

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados nas entrevistas

Segundo Baum (2006), quando é dito que o comportamento é controlado pelo ambiente, o que se quer dizer é que o ambiente modela e mantém repertórios comportamentais, mas também serve como ocasião para que o comportamento venha a ocorrer. Conforme aparece no quadro 1, com as consequências da aprovação religiosa, após toda uma vida de comportar-se conforme as regras descritas por essa agência, vem também o surgimento do conflito de Shirley no contato com outras realidades, pois, apesar de ser aprovada no seu grupo religioso, como consequência de obedecer às regras familiares, não modifica o comportamento dos demais membros dos grupos sociais dos quais está inserida (como escola, vizinhança, etc) de forma que perceber respostas diferentes por parte de outras pessoas e, principalmente, jovens os quais, no seu entendimento, deveriam ser controlados ou orientados por seus pais ou líderes religiosos e não o são, deixam Shirley em profundo sofrimento e angústia.

O conflito de Shirley surge quando seu comportamento controlado pelas regras, advindo do seu repertório educacional, familiar e religioso, se confronta com o de outras pessoas que não obedecem a essas regras, mas, sim, às regras de outros grupos sociais. Quando diz que “não consegue entender essa situação” ou não consegue “ser indiferente”, tais verbalizações explicitam o poder das agências que atuam sobre Shirley, não só em controlar o seu comportamento, mas no desejo de replicá-lo a outras pessoas.

### Participante Jeannie

Quadro 2: Análise por contingência

<b>Agências</b> <b>Controladoras</b>	<b>Estímulo</b> <b>Antecedente</b> <b>S-</b>	<b>Resposta</b> <b>R→</b>	<b>Estímulo</b> <b>Consequente</b> <b>S</b>
---	--	------------------------------	---

<b>Educacional (Acadêmica)</b>	Contexto de pobreza e poucos recursos	-Sentir arrependimento e frustração por não ter estudado. -Escolher trabalhar para se manter ao invés de estudar	-Sem profissão; -Financeiramente dependente do marido;
<b>Econômica</b>	Ausência de recursos financeiros para cuidar da enteada e para fazer os cursos que gostaria	-Desistir de fazer cursos por não ter dinheiro -Sentir-se impotente	-Sem recursos para cuidados consigo e com a enteada -Sem formação
<b>Governamental e política</b>	Má distribuição de renda, de gestão e falta de oportunidades	-Sentir tristeza em não poder assistir os afilhados -Contentar-se com o que tem: casa de aluguel, falta de estudos e recurso -Sentir-se mal por precisar de serviços que não são como gostaria	não ter uma boa saúde, precisar do sus e não ser atendida como gostaria

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados nas entrevistas

Percebe-se que as três agências controladoras atuantes sobre Jeannie, agem em conformidade, ao passo que uma afeta a existência da outra e a junção das três torna as condições e variáveis envolvidas por Jeannie ainda mais difíceis de manipular, a começar pelo governo, isso porque, sem uma boa gestão governamental, os recursos e acessos não são bem distribuídos de forma que todos possam desfrutar dos benefícios por direito: acesso lazer, educação de qualidade, inclusão social, moradia, etc. Havendo um déficit nessa agência e sendo a participante diretamente afetada por ela, as demais agências: educação e economia também são envolvidas, impossibilitando Jeannie de manipular as variáveis do seu meio, o que, como consequência, ocorre o contrário: apenas é manipulada por elas. Ao buscar o recurso financeiro, é necessário que se enquadre numa atividade a qual exige estudos, ao buscar estudos, é

necessário que possua recursos financeiros para custear os gastos com locomoção, material, além do próprio curso ao qual Jeannie deseja que é um curso de beleza. Dessa forma, considerando o que Skinner (1998) diz sobre o controlador tornar o salário, contingente à execução do trabalho, é possível notar que Jeannie, não recebe o salário como reforço por ser dona de casa ou mesmo para cuidar do lar e das crianças, mas, sim, a ajuda financeira do marido, que assume o papel do controlador deste poder econômico que falta a Jeannie. Não obtendo controle sobre nenhuma das variáveis dessas agências, o sofrimento se instala na vida de Jeannie, que se visualiza como alguém impotente diante dessas condições e, em especial, nesse momento da vida, no qual percebe que poderia ter feito escolhas que lhe trariam consequências melhores e mais bem-sucedidas nesse período da meia idade em diante.

### *Participante George*

Quadro 3: Análise por contingência

<b>Agências Controladoras</b>	<b>Estímulo Antecedente S-</b>	<b>Resposta R→</b>	<b>Estímulo Consequente S</b>
<b>Educacional (Familiar)</b>	-Contexto familiar sem cobranças do cumprimento de regras -Ausência de regras -Ausência da apresentação de consequências para ações futuras	-Não se preocupar com as consequências, -Fazer somente coisas do seu interesse: -Não estudar -Não ter responsabilidades -Não trabalhar regulamente	-Tornou-se pouco resistente à frustração e pouco persistente - Sem sucesso profissional e pessoal

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados nas entrevistas

Dadas as contingências de um contexto familiar sem cobranças e ausência de regras, George comporta-se sem a reflexão das consequências e obtém, como consequência, o agir sem refletir sobre as consequências, pode ser considerado um ato, segundo Baum (2006), irresponsável. Nesse caso, não haver punições, ou consequências previamente estabelecidas

por parte dos pais para o comportamento, aumenta a probabilidade de resposta de agir de forma irrefletida, ou seja, agir inconsequentemente. O sofrimento se instala ao passo que o indivíduo precisa entrar em contato com as exigências externas (trabalho, casamento, filha) e não possui repertório comportamental para isso, pois viveu parte de sua vida em abstenção de regras. Então, passa a aprender as contingências por meio da modelação e modelagem. Modelação, pois após separar-se conhece uma nova pessoa com quem se envolve em namoro e esta, por sua vez, apresenta-se como o que Baum (2006) denomina de “modelo bem-sucedido” e organizado, ao qual George, por medo de perder o estímulo apetitoso ou reforçador, que é a nova namorada, empenha-se em ampliar seu repertório limitado, na construção e concretização de planos. A modelagem, nesse caso, surge posteriormente, quando, em contato com a contingências, tem seus esforços reforçados com o alcance da finalidade para a qual se comportou: a namorada mostrar-se apaixonada, continuar o relacionamento com ele, ouvir das pessoas o quão impressionadas estão com sua mudança, o quão maduro está, etc.

*Participante Claude*

Quadro 4: Análise por contingência

<b>Agências Controladoras</b>	<b>Estímulo Antecedente S-</b>	<b>Resposta R→</b>	<b>Estímulo Consequente S</b>
<b>Educacional (Acadêmica)</b>	-Ambiente extremamente rígido, punidor e moralista. -Controle coercitivo	-Agir como “bonzinho” na escola	-Amizade dos professores
<b>Educacional (familiar)</b>	-Ambiente de poucas informações	-Incômodo e insatisfação	-Vida longe dos pais -Casamento precoce -Sem repertório para administrar a vida adulta
<b>Religiosa</b>	-Ambiente opressor imbuído de regras	-Seguir regras religiosas	-Sem religião

		-Agir de forma crítica à religião	
<b>Governamental e política</b>	-Regime Militar, ambiente repressor	-Retrair-se -Buscar por conhecimento político e filosófico	-Ausência de repertório em habilidades sociais -Conhecimento sobre política e filosofia

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados nas entrevistas

Skinner (1998) traz que existem diversas formas e técnicas do controle governamental e político. Dentre elas, encontra-se a apresentação de reforçadores negativos, ou seja, apresentação de um estímulo aversivo que gere como consequência o aumento da probabilidade de respostas esperadas à medida que diminui as respostas indesejadas, como por exemplo, castigos físicos, trabalhos forçados, ameaças ou injúrias, exposição em público, entre outros. As três agências apresentadas acima, atuaram em conjunto exercendo controles coercitivos simultâneos.

Claude experimentou três ambientes opressores e impositores de regras, comportava-se de forma a seguir o que era estabelecido em todas e, como consequência, não gozou de benefícios interessantes a ele, senão para as próprias agências. Como consequência, o comportamento crítico, de rebeldia, ou mesmo de contra controle, não se submetendo às regras aversivas experimentadas ocorrem como resposta ao controle coercitivo que recebeu. Passa então a criticar tais regras e busca por meio do caminho filosófico, a dialética e interação entre trocas de informações e conhecimento, o que era completamente rejeitado nos ambientes que o cercava antes da vida adulta.

### **5.3 Discussão sobre o efeito da agência Psicoterapia na meia-idade para os participantes**

Skinner (1998) observou que o comportamento inadequado, inconveniente ou perigoso para o próprio sujeito ou para aqueles que convivem com ele, requer, na maioria das vezes, um “tratamento”. Apesar de observar em todos os participantes, indicadores de sofrimento na relação entre as agências controladoras e o período da meia-idade, notou-se também que eles têm encontrado o suporte necessário para o enfrentamento das demandas que se levantaram nesse momento da vida: *"É esse processo que a gente está pra lidar com as situações que o mundo nos oferece e às vezes a gente não tem condição, de sozinho superar né?"* (Shirley, 2017).

*"me ajudou demais a colocar a cabeça no lugar, não sei se eu teria conseguido essa fase se eu não tivesse acompanhamento, foi bem complicado" (George, 2017).*

*"Porque eu acho que se eu não tivesse aqui fazendo, eu acho que eu num taria nem aqui contando essa história, então eu, ela tem ajudado muito, tá me ajudando" (...) "eu tenho aprendido, tenho pensando é que eu tenho uma força bem lá dentro de mim escondida, uma garra que tava lá e tá aos poucos saindo, que eu consigo, eu posso agarrar nela, que eu tenho essa força lá dentro, parece que ela tava lá escondidinha e tá florando (Jeannie, 2017).*

*Então primeiro saber que o outro não vai mudar, eu que tenho que mudar, eu que tenho que mudar essa situação que estou vivendo, tomar consciência que só eu, só eu, o outro não tem que mudar a posição do cabelo, porque aquilo me incomoda" (Shirley, 2017).*

*"Um processo, para mim, de saúde, Tá ligado diretamente à saúde" (...) eu tenho um processo permanente de autoanálise" (Claude, 2017).*

Depreende-se que o Controle analítico se apresentou como função de processo de retirada dos subprodutos das agências que atuam na vida do indivíduo. Sendo administrada por muitos anos pelas agências religiosas e governamentais, essas punições sofrem confronto quanto ao posicionamento da Psicoterapia em advogar contra tais técnicas controladoras, anteriormente estabelecidas (SKINNER, 1998), o que foi possível notar nos discursos dos participantes.

Partindo de Skinner (1991), as agências controladoras estabelecem condições para as quais o comportamento torne-se função. Na psicoterapia, o papel dessa agência será de alterar tais condições para chegar aos seus objetivos analíticos, ao passo que ao promover com tais mudanças, promova também a saúde comportamental dos indivíduos de forma a serem bem-sucedidos em suas ações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base neste estudo, é importante ressaltar o que Papália Olds e Feldman (2013) discutem a respeito do processo de envelhecer, sendo que este é relativizado pelo ritmo, tempo e movimento de cada pessoa perante a vida. Dessa forma, é essencial compreender a meia idade como um processo de envelhecimento, uma vez que esta ocorre no fim da vida adulta e início da velhice, o que evidencia uma passagem de tempo, ou seja, um processo.

Foi possível identificar que todos os participantes apresentaram verbalizações acerca da relação entre os comportamentos controlados por determinadas regras ou ausência de regras das agências discutidas por Skinner (1998).

Utilizou-se o termo “sofrimento” como indicador da produção da crise, contudo os próprios participantes trouxeram verbalizações de sofrimento em decorrência dos discursos que receberam ao longo da vida, podendo constatar que a interação entre agências controladoras e o momento da meia idade é real. Além disso, um fato interessante a se pontuar é que todos os participantes também apresentaram em seus discursos relação entre a influência que percebiam das agências controladoras em suas vidas e a queixa ou demanda do processo de psicoterapia. Cabe salientar aqui que indivíduos da meia idade possuem a expectativa do cumprimento de determinados papéis sociais, conforme trata Erikson (1974), sobre ter uma casa própria, estar financeiramente estável, estar envolvido em um relacionamento afetivo, possuir algum bem, ter filhos, família entre outras atividades. Portanto, é de suma importância reconhecer as exigências de papéis sociais impostas nesse processo, pois é no cumprimento ou descumprimento desses papéis sociais esperados, que pode se instalar a chamada “crise da meia-idade”.

Portanto, o presente trabalho caracteriza a crise como um sofrimento emocional ou psicológico em decorrência da forma como os papéis socialmente impostos ou esperados para os indivíduos os influencia, ou seja, efeito dos discursos das agências controladoras sobre cada um. Percebe-se também que apesar do aparecimento de sofrimento, a agência psicoterapia é imprescindível para auxiliar na diminuição dos subprodutos de controle e no enfrentamento das questões que surgem nesse momento da vida.

Vale lembrar que todos os indivíduos estão sob efeito do controle de alguma agência, pois todos os comportamentos são constantemente controlados em algum nível e área da vida, sendo funções de determinados agentes de controle. Portanto, é incorreto dizer que estar sob controle de alguma agência significa estar, necessariamente, em sofrimento. Skinner (1998) traz a devida importância às regras, uma vez que considera estas como um construto social, as quais auxiliam na organização dos grupos.

Seguindo essa lógica, constata-se que a ausência de regras pode vir a acarretar prejuízos

para os membros dos grupos. Do mesmo modo, o controle exagerado, por meio do controle coercitivo, limita a aquisição de repertório de vida e o resultado de uma vida pautada tanto na ausência, como no controle excessivo de regras, seja para o cumprimento ou descumprimento destas, ou seja, o desequilíbrio entre o comportamento e a influência das agências, em especial no período da meia-idade, produz intenso sofrimento na vida dos indivíduos. Portanto, conclui-se que é fundamental ter um conhecimento mais aprofundado e claro sobre cada agência para que seja possível compreender melhor o que ocorre no comportamento individual.

Por fim, sugere-se a utilização e adaptação do roteiro de entrevista como ferramenta de avaliação de crise na meia idade nas demais pesquisas que derem continuidade ao presente estudo.

## REFERÊNCIAS

- BAUM, William M. **Compreender o Behaviorismo**: comportamento, cultura e evolução/ tradução Maria Teresa Araújo Silva ...[et al.]. 2 ed. ver e ampl. – Porto Alegre: Artmed, 2006. 312 p.
- BERTUCCI, Janete Lara de Oliveira. **Metodologia básica para elaboração de trabalho de conclusão de curso (TCC)**: ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação Lato Sensu. São Paulo: Atlas, 2011. 113 p.
- BEE, H. O ciclo vital. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998
- BORLOTI, Elizeu et al. Análise comportamental do discurso: fundamentos e método. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 1, mar. 2008
- Catania, A. Charles **Aprendizagem**: comportamento, linguagem e cognição; trad. Deisy das Graças de Souza... [et al.]. 4.ed. - Porto Alegre : Artes Médicas Sul, '1999.
- Chiesa, M. **Behaviorismo Radical**: A filosofia e a ciência. Boston: Autora Cooperativa. (1994)
- Craig, G. J. Desenvolvimento Humano. Nova Jersey: Prentice Hall. (1996)
- DeCS. Descritores em Ciências da Saúde. **BVS: Biblioteca Virtual em Saúde**, 2013. Pesquisa sobre: Meia-Idade. Disponível em: <<http://decs.bvs.br/cgi-bin/wxis1660.exe/decsserver/>> Acesso em 28, maio, 2017.
- (OMS), **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde / Organização Mundial da Saúde; tradução Suzana Gontijo. – Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.: il.
- ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.
- ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987.
- ERIKSON, E. H.; ERIKSON, J. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- KAHN, Michael. **Estudo mostra tendência maior de depressão na meia-idade**. Estadão, 2008. Disponível em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,estudo-mostra-tendencia-maior-de-depressao-na-meia-idade,116988>>. Acesso em: 25 de abr. de 2017.
- Lachman, M. E.; James, J. B. Traçando o curso do desenvolvimento da meia-idade: uma visão geral. In M. E. Lachman & J. B. James (Eds.), **Múltiplos caminhos do desenvolvimento da meia-idade** (pp. 1-17). Chicago: Imprensa Universitária de Chicago (1997)

MATOS et al, O Modelo de Consequenciação de B.F. SKINNER. **Psic.: Teor. e Pesq., Brasília**, Nº 2, p. 137-158, V.5. (1988)

McAdams, D. P. O Eu redentor: Generatividade e histórias americanas da vida. **Pesquisa em Desenvolvimento Humano**, 3, 81–100(2006)

Moore, J. On behaviorism, knowledge and causal explanation. **The Psychological Record**, 34, 73-97. (1984)

MOREIRA M.B.; MEDEIROS C.A. **Princípios Básicos de Análise do Comportamento**. Porto Alegre: Artmed. 2006

NENO, Simone. Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo , v. 5, n. 2, p. 151-165, dez. 2003. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S15175545200300200006&ng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15175545200300200006&ng=pt&nrm=iso)>. acessos em 28 maio 2017.

PAPALIA, E. D.; OLDS, S. W; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 11. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

QUEROZ, Nelma Caires; NERI, Anita Liberalesso. Bem-estar psicológico e inteligência emocional entre homens e mulheres na meia-idade e na velhice. **Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, v.18, n.2, p.292-299, ago. 2005. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010279722005000200018&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722005000200018&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 27 maio 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000200018>.

RABELLO, E.T.; PASSOS, J. S. **Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento**. 2007. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> no dia 09 de setembro de 2017.

SCARDUA, Angelita Corrêa, **Crise da Meia idade e a felicidade**. Os Sentidos da Felicidade. 2011 Disponível em:<<https://angelitascardua.wordpress.com/author/angelitascardua/page/2/>>. Acesso em: 28 de abr. de 2017.

SKINNER, B. F. **Ciência do Comportamento Humano**. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 489 p.

Skinner, B. F. **Contingências de reforço**: uma análise teórica. Coleção Os Pensadores, volume 51. (1975).

SKINNER, B.F. **Questões recentes na Análise Comportamental**. 3ª. ed. São Paulo: Papyrus, 1991. 193 p. Tradução Anita Liberalesso Neri.

SKINNER, B.F. **Sobre o Behaviorismo**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 216 p. Tradução de Maria Da Penha Villa lobos.

SKINNER, B.F. Seleção Por Conseqüências. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, p. 129-137. (Original 1981).(2007)

SKINNER, B. F. The concept of the reflex in the description of behavior. Em (1961a).

TODOROV, João Claudio, et al. **Metacontingências: comportamento, cultura e sociedade.** – Org J.C Todorov, R.C Martone, M.B. 1ª ED. Santo André, SP: ESEtec Editores Associados, 2005, 160 p.

TOURINHO, Emmanuel Zagury. A produção de conhecimento em psicologia: a análise do comportamento. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 23, n. 2, p. 30-41, jun. 2003 . Disponível em<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141498932003000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932003000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 28 maio 2017.

WEINECK, J. **Biologia do esporte.** São Paulo: MANOLE, 1991.

(WHO). **Active ageing: a police framework.** A contribution of the World Health Organization to the Second United Nations World Assembly on Ageing. Madrid, Spain, april 2002. Disponível em: [www.who.org](http://www.who.org), em: 20/04/2003.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Sr.(a) \_\_\_\_\_, você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada “**Agências Controladoras e sua influência na meia-idade**”, de iniciativa da acadêmica de Psicologia e responsável pela referida pesquisa, **Thyanne Karoline Abreu e Silva**, sob orientação da professora Dr. Ana Beatriz Dupré Silva. A pesquisa que tem como finalidade levantar contingências históricas da vida do indivíduo para analisar as diversas agências controladoras e sua influência no período da meia-idade, será realizada no Serviço de Psicologia (SEPSI), situada na Av. JK, qd. 108 Norte, Centro, Palmas – Tocantins, no segundo semestre de 2017.

Serão entrevistados uma amostra de quatro pessoas, sendo duas do sexo masculino e duas do sexo feminino, que estejam em algum dos serviços oferecidos pelo SEPSI e que se encontrem na faixa-etária de 45 a 59 anos de idade. Ao participar da pesquisa, você responderá a um roteiro de entrevista semiestruturado, de construção livre da pesquisadora e fragmentado que abrange os seguintes temas: cultura, religião, família, governo e psicoterapia. A aplicação da entrevista será registrada por meio de um gravador e dividida em três encontros, sendo que cada encontro, contemplará as temáticas citadas acima. Você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Caso queira, poderá pedir em qualquer etapa, mais informações sobre a pesquisa por meio do telefone da acadêmica de Psicologia, assistente de pesquisa, (xx) xxxxxxxx ou da pesquisadora responsável (xx) xxxxxxxx e, se necessário, por meio do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas –CEULP, telefone: (xx) xxxxxxxx. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. O pesquisador manterá sigilo absoluto sobre as informações, assegurará o seu anonimato quando da publicação dos resultados da pesquisa. Sendo assim, seus dados serão identificados em forma de código, e não com o seu nome, apenas os membros da pesquisa terão conhecimento dos dados, assegurando assim, sua total privacidade. Além disso, esta pesquisa atende às exigências éticas e científicas indicadas na Resolução CNS nº 466/12 que contém as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

\_\_\_\_\_  
 Rubrica da Pesquisadora  
 Responsável pela pesquisa

\_\_\_\_\_  
 Rubrica Assistente  
 da pesquisa

\_\_\_\_\_  
 Rubrica do Participante  
 da Pesquisa

Sendo assim, você poderá solicitar o recebimento dos resultados da pesquisa quando forem publicados, se assim decidir.

É possível que, responder à entrevista, gere em você sentimentos de desconforto e/ou constrangimento com as questões investigadas, já que a depender do tema, situações que envolvam sofrimento e conflitos pessoais, possam ser levantadas. Em contrapartida, por já estarem em atendimento na clínica escola, os conteúdos que suscitarem nas entrevistas, poderão servir de pauta no acompanhamento psicológico, uma vez que o psicoterapeuta será informado, caso isso aconteça. Além disso, qualquer dano, durante o período de realização da pesquisa, que havendo comprovada relação causal com a referida, será ressarcido ao participante. Você

não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação, pois se trata de uma ação voluntária.

A pesquisa se mostra relevante, pois se tratando de conteúdo científico, trará a possibilidade de discutir sobre o tema que ainda hoje é muito pouco abordado, que é o momento da meia-idade. Os resultados contribuirão para o alerta nas discussões de prevenção e intervenção na promoção da saúde mental nessa fase de vida do indivíduo.

---

Assinatura do Participante

---

**Thyanne Karoline Abreu e Silva**  
Acadêmica-Pesquisadora

---

**Profa. Dra. Ana Beatriz Dupré Silva**  
Pesquisador Responsável

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA  
PESQUISA

Eu \_\_\_\_\_, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com a acadêmica pesquisadora responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar. Diante do exposto expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo.

**CONTATOS:**

**Thyanne Karoline Abreu e Silva**

Endereço: 1203 Sul Al. 18, Qi 17,

Lote 5, Palmas-Tocantins

E-mail: [thay.anne@hotmail.com](mailto:thay.anne@hotmail.com)

Telefone: (xx) xxxxxxxxxx

**Ana Beatriz Dupré Silva**

Endereço: 401 conjunto 1 Lote 5

Apto 541, Palmas-Tocantins

E-mail: [anabeatriz@ceulp.edu.br](mailto:anabeatriz@ceulp.edu.br)

Telefone: (xx) xxxxxxxxxx

**Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário Luterano de Palmas –  
CEPCEULP**

Endereço: Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul Palmas - TO CEP 77.019-900

Telefone: (63) 3219-8076 E-mail: [etica@ceulp.edu.br](mailto:etica@ceulp.edu.br)

---

Assinatura do Participante

---

**Thyanne Karoline Abreu e Silva**

Acadêmica-Pesquisadora

---

**Profa. Dra. Ana Beatriz Dupré Silva**

Pesquisador Responsável

## APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

### Dados de Identificação (Apenas para o pesquisador)

Nome:	Profissão:
Data de Nascimento:	Escolaridade:
Sexo:	Estado Civil:
Naturalidade:	Nacionalidade

É necessário que ao responder as perguntas, o participante se comprometa a ser o mais verdadeiro possível, para que não haja alteração na parte dos dados que serão coletados.

Compreende-se que a fase da meia-idade é um momento da vida de muitas reflexões, pois o indivíduo depara-se com o fim da vida adulta e o início da velhice. São conteúdo para uma auto avaliação, a vida pessoal, familiar, afetiva, sexual, profissional, social e financeira. Muitas mudanças ocorrem, a começar pela parte biológica. Dessa forma, muitos valores e princípios são reavaliados, tendo em vista o pouco tempo de vida que se tem, se comparado ao que já foi vivido, para realizar objetivos ou correr atrás do que não foi alcançado. Partindo dessa compreensão...

### 1- Governo e Política

- Como era o governo na sua época de infância?
- Consegue perceber aspectos governamentais e políticos existentes na sua infância e adolescência que afetaram seu núcleo familiar?
- De que modo sua família se posicionou em relação aos regimes governamentais ao longo do tempo?
- De que forma esse posicionamento lhe influenciou na perspectiva que tem hoje acerca da política/governo?

### 2-Economia

- Como foi a vida financeira da sua família ao longo da sua vida ?
- Do quê você tinha que se privar financeiramente?
- Como percebia essa privação?
- Considera-se uma pessoa financeiramente estável? Possui aquilo que precisa ou deseja?
- Como percebe a situação econômica atual do país? De que forma ela modifica sua vida?
- De que forma você gostaria de ter investido seu dinheiro?

- Existe algo do que se arrependa em relação a sua forma de lidar com o dinheiro?
- Você é feliz com a sua situação financeira?
- Se não, como gostaria de estar economicamente, hoje?

### **3-Educação (acadêmica e familiar)**

- Como eram os métodos de ensino e punições dos professores em sua época de escola?
- Havia medo da punição aplicada pelos superiores: professor/direto/coordenador?
- Quais sentimentos o envolvia quando era punido?
- Como você se recorda dessa época de escola e desses meios de punição, atualmente?
- O ingresso na graduação de ensino superior é/foi uma obrigatoriedade para você?
- Quais tipos de ensinamentos eram passados a você em casa?
- O que jamais poderia ser feito, ou conversado na presença dos pais?
- Na ausência deles ou atualmente, você praticava ou pratica tais coisas?
- Como se sente em relação às regras que recebeu da sua família (pai, mãe, avós, tios, etc.)? Se pudesse, o que teria mudado em sua criação?

### **4-Religião**

- Você frequenta alguma religião? Já frequentou?
- Sente que as pessoas ao seu redor respeitam a sua liberdade?
- Como visualizava as regras religiosas que recebia por meio de discurso familiar, ou de representantes religiosos, durante à infância, adolescência e juventude? Como as compreende hoje?
- Se pudesse mudar algo na educação religiosa que recebeu, o que seria?

### **5-Psicoterapia**

- O que compreende por Psicoterapia?
- Já havia passado por algum outro serviço de psicologia?
- Se está em um procedimento psicoterapêutico, como têm se sentido após ter iniciado o acompanhamento?
- O que tem aprendido no processo psicoterapêutico?
- Consegue ver relação entre a queixa inicial/demanda que o trouxe ao processo psicoterapêutico e alguma das agências controladoras anteriormente comentadas?
- A partir do que tem percebido de si, de que forma você pode contribuir para que evolua em seu processo psicoterapêutico?

## APÊNDICE C - Tabela da relação entre discursos e agências controladoras

Tabela 1. Agências controladoras e “Indicadores” identificados nos discursos dos participantes

Agências controladoras	Indicadores	Nº	Verbalizações	Participantes	
				(Nome Fictício)	Idade
Governamental e Política	•Sentimento de impotência diante da má gestão governamental/falta de oportunidades	01	<i>“Se eu pudesse, se eu tivesse, como se diz, <u>se o governo, tivesse mais uma facilidade, tivesse, fosse mais bem dividida, as coisa num, dá uma prioridade melhor pro meus fi</u>” (...)<u>queria poder ter minha casa, meu teto, moro de aluguel (...) poder falar: isso aqui eu posso fazer, vou trabalhar. Nossa senhora seria bom demais (...) ter saúde</u>”.</i>	Jeannie	48
		02	<i>“eu fico chateada, fico indignada, fico revoltada, quando eu vejo toda essa corrupção, toda essa situação né? Isso me causa revolta né?”</i>	Shirley	51
	•Punição para o comportamento de discutir política	03	<i>“é proibido falar de política nessa família, nesse novo território, nós estamos aqui para trabalhar e para fazer patrimônio” (...)<u>eu me sentia com certos bloqueios, porque eu não podia falar de certas coisas, em casa, podia perguntar certas coisas na escola, é então nessa que se constitui a minha vida, foram muito poucas informações, mais gerais no campo de vida pública, da vida política então essa fluidez não houve a minha infância e não houve na adolescência, isso se deu tardiamente.</u>”</i>	Claude	57
		04	<i>“será que minha casa está adaptada para me acolher na velhice? Tudo isso eu fico pensando (...)” eu não vou ter uma alimentação que eu deveria, eu não vou ter um geriatra” (...)<u>eu não vou ter um salário que possa manter uma pessoa pra cuidar de mim, uma enfermeira.</u>”</i>	Shirley	51
	•Preocupação com a geração futura	05	<i>“mas a questão de tirar o sono, essa questão, <u>daqui a 10 anos eu vou ficar em cima dos meus filhos, como é que vai ser? Como eles estão? (...) o que vai acontecer? Essa insegurança.</u>” (...)<u>e fico muito preocupada com o futuro dos meus filhos, num é?” (...)</u> Então tudo isso me preocupa”.</i>	Shirley	51
		06	<i>“Ter meus filhos bem assistidos, ter uma escola boa, poder ter mais tranquilidade, num é? Com eles na escola, eles ir embora, saber que eles tão bem, do jeito que tá hoje as escolas e tudo, a gente não fica tranquila” (...)<u>então eu tô, hoje eu tento fazer isso com meus filho.</u>”</i>	Jeannie	48
Economia	•Falta de recursos	07	<i>“sabe você <u>não ter nenhum dinheiro pra comprar uma balinha pra dobrar sua fia, né? Então né? É doído, é muito triste, eu num tinha passado por essas coisa (...)</u>” <u>“eu tive que começar trabalhando cedo, ganhar meu dinheiro, pra mim comer, pra mim vestir...”</u></i>	Jeannie	48
		08	<i>“Me incomoda, me deixa triste, me sinto às vezes desvalorizada (...) Me Deixa muito frustrada, deixa sem ânimo” (...)<u>se eu desse conta de me manter, eu sairia de casa</u>” (...)<u>Separar, sem olhar pra traz. Duas coisas que me prende, é não dá conta de trabalhar e minha enteada que eu crio</u> (...) <u>“Igual essa história que meu marido quer levar um rapaz pra morar lá em casa e eu não quero, aí eu fico se eu contribuísse alguma, coisa eu podia exigir mais, mas como não contribuo, tudo é ele, eu tenho que aceitar calada, só que eu não quero aceitar, mas tem que aceitar.”</u>”</i>	Jeannie	48
	09	<i>“é um sentimento de insegurança, um sentimento de pobreza, de desvalorização, tudo esse sentimento que vem.”</i>	Shirley	51	
Educação	•Sente hoje o peso da ausência de regras durante a vida	10	<i>“40 anos de idade, eu botei na minha cabeça o seguinte: eu preciso fechar alguns ciclos, ciclos esses que eram pra terem sídos fechados lá na adolescência, Então de 2010 para cá, eu venho fechando os ciclos ” (...)<u>eu culpei a minha mãe por ser muito liberal comigo</u>” (...) <u>“Eu teria dado mais, eu teria, eu acho que eu gostaria que a mamãe tivesse puxado mais minha orelha na adolescência”</u></i>	George	46
		11	<i>“Então, eu me arrependendo de não ter estudado” (...)<u>Se eu pudesse, teria estudado, teria se...se preparado melhor, se eu pudesse voltar. (...)</u>Ter um estudo” (...)<u>“Eu tenho vontade, eu tenho vontade, de fazer algum curso, alguma coisa, acho que pra recuperar o tempo que eu perdi, ser alguém, poder ser alguém, poder ter uma profissão” (...)</u>Ter uma profissão, ter estudado, um nome, e ser</i>	Jeannie	48

*reconhecida né? Ter pelo menos o estudo, ter uma profissão, que hoje eu não tenho."*

*"eu resolvi não seguir a tradição (no passado), e resolvi achar mais legal aprender a dirigir e a surfar e ficar namorando por aí no meio da rua". (...) Eu tive uma excelente educação, porém não aproveitei, isso eu me cobro hoje, eu me cobro demais hoje."*

	12		George	46
Confronto de realidades	13	<i>o que mais pesou nesse, na meia idade, talvez foi, talvez tenha sido a cobrança, a cobrança de eu ter uma pessoa, onde eu quisesse dar orgulho, onde eu quisesse me equiparar com ela." (...) "Então eu melhorei demais aqui, eu tive que melhorar, porque se eu não melhorasse eu ia perder minha mulher." (...) "Aí eu precisei me ajustar, me adaptar" (...) (...) "eu encontrei a mulher da minha vida e falei, se não mudar vou perder, pronto. Ponto final. Simples assim."</i>	George	46
•Sentir-se coibido	14	<i>"Muito medo, porque você tinha que ficar o tempo tentando agradar, pelo menos era o meu expediente, sendo bonzinho, na verdade a criança sabe o que é ser bonzinho e o que não é. A gente cumprir um papel ali dentro daquele sistema, uma diretora da escola muito rígida, muito rígida." (...) "eu fui educado pra apertar parafuso, a minha geração foi educada pra isso, pra ser, pra dar continuidade nos seus estudos no Senai, pra ser funcionário de metalúrgica, essas é a região que eu estava né? então era uma educação pra obedecer, não era pra pensar, e isso que eu vou me estabelecendo nesse meio"</i>	Claude	57
•Preocupação com a geração futura	15	<i>"eu sempre fui brincalhão além do ponto, eu sempre brinquei demais além do ponto, eu dizia que a minha filha, eu não tinha relação de pai com filho, eu tinha relação de amigo, de brincadeira, de zoação, dificilmente eu brigava com ela, (...) atitudes assim de cobrar uma coisa que tá errada, eu sempre empurrando com a barriga, deixa ela pra lá" (...) "só que quando você tem um filho, e ela começa a crescer num ambiente onde ela é muito largada e as amiguinhas delas começam a ter posturas esquisitas e dançar aquelas músicas esquisita e música que eu não gosto, e que minha filha gostava e músicas sensualizando de mais a criança, aí a gente falou, na época a gente falou que 'tava na hora de a gente ir embora', ela, era virgem, dar um rumo pra minha filha, uma educação melhor, um local melhor." (...) agora mudou um pouco a conversa, entre eu e ela. Agora é pai e filho, né? eu tenho que me policiar, porque agora eu tô cobrando muito."</i>	George	46
•Frustração com a vida que levou	16	<i>"Acho que é uma cobrança" (...) "eu sinto falta assim de, como é que eu quero falar? De não ter feito, de não ter conseguido realizar nenhum curso, nenhum sonho, nem nada, tenho dificuldade" (...) "então graças a Deus eu fui privada" (...) "casei virgem, ainda tenho o documento que a gente faz quando faz núpcia" (...) "o médico falou lá, ter cuidado que ela é virgem."</i>	Jeannie	48
Religião	17	<i>"Então eu não entra na minha cabeça, não posso aceitar uma situação dessa, (modo como adolescentes e jovens de hoje vivem) eu me fazer de indiferente (...) isso me deixou preocupada"</i>	Shirley	51
•Supervalorização da castidade	18	<i>"é esse processo que a gente está pra lidar com as situações que o mundo nos oferece e às vezes a gente não tem condição, de sozinho superar né?"</i>	Shirley	51
•Confronto de realidades	19			
Psicoterapia	20	<i>"me ajudou demais a colocar a cabeça no lugar, não sei se eu teria conseguido essa fase se eu não tivesse acompanhamento, foi bem complicado."</i>	George	46
•Enfrentamento	21	<i>"porque se eu acho que eu não tivesse aqui fazendo, eu acho que eu num taria nem aqui contando essa história, então eu, ela tem ajudado muito, tá me ajudando" (...) "eu tenho aprendido, tenho pensando é que eu tenho uma força bem lá dentro de mim escondida, uma garra que tava lá e tá aos poucos saindo, que eu consigo, eu posso agarrar nela, que eu tenho essa força lá dentro, parece que ela tava lá escondidinha e tá florando"</i>	Jeannie	48

	22	<i>"Então primeiro saber que o outro não vai mudar, eu que tenho que mudar, eu que tenho que mudar essa situação que estou vivendo, tomar consciência que só eu, só eu, o outro não tem que mudar a posição do cabelo, porque aquilo me incomoda."</i>	Shirley	51
	23	<i>"tô tendo mais segurança, confiar mais em mim, lidar mais com as coisas, acho que é por aí"</i>	Jeannie	48
	24	<i>"E aí eu tô querendo fechar essas portas agora, fechar os círculos"</i>	George	46
		<i>"Um processo, para mim, de saúde, Tá ligado diretamente a saúde"(...) Então no fundo o que acontece, <u>a gente vai dando sentido</u>, mas o próprio sentido tem um limite, porque se tiver sentido demais de uma forma repetitiva a gente já ta com problemas, vamos dizer assim, <u>é o tempo, a gente vai tentando</u>, bom o que eu quero te dizer é o seguinte, até o processo de reflexão tem os seus limites, porque o excesso de reflexão o tempo todo é o que? É uma neurose de controle."</i>		
•Correção do subprodutos de Controle	25		Claude	57

---

Fonte: Elaboração própria, a partir dos dados coletados nas entrevistas

**APÊNDICE-D DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE**

Eu, Thais Moura Monteiro, abaixo assinada, responsável pela instituição Serviço de Psicologia (SEPSI) do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP ULBRA), participante no projeto de pesquisa intitulado: AGÊNCIAS CONTROLADORAS E SUA INFLUÊNCIA NA MEIA IDADE, que está sendo proposto pela pesquisadora Ana Beatriz Dupré Silva, vinculado ao CEULP ULBRA, **DECLARO** ter lido e concordar com a proposta de pesquisa, bem como conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Norma Operacional CONEP 001/13, a Resolução CNS 466/2012 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes, dispondo de infraestrutura necessária, para a garantia a realização das ações previstas no referido projeto, visando à integridade e proteção dos participantes da pesquisa.

Palmas, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

THAÍS MOURA MONTEIRO  
Coordenadora do SEPSI  
Responsável Técnica  
CRP-23/1302